

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Departamento de Terapia Ocupacional

Julia Franco Donato dos Santos
Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Serrata Malfitano

**A importância da expressão artística para a criação de
vínculo com adolescentes: uma experiência em um serviço de
liberdade assistida e prestação de serviço à comunidade**

São Carlos - SP
2025

JULIA FRANCO DONATO DOS SANTOS

**A importância da expressão artística para a criação de vínculo
com adolescentes: uma experiência em um serviço de liberdade
assistida e prestação de serviço à comunidade**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Terapia
Ocupacional da Universidade Federal de
São Carlos, como um dos requisitos para
obtenção do título de bacharel em Terapia
Ocupacional.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Serrata
Malfitano

São Carlos-SP

2025

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que me apoiaram durante o processo de construção da pesquisa. Em primeiro lugar, agradeço à minha orientadora e referência, Profa. Ana Paula Serrata Malfitano, pela sabedoria compartilhada e pela parceria, sou muito grata pela confiança, pelos ensinamentos e pelo olhar crítico-reflexivo nesses dois anos de orientação, que possibilitaram tantos aprendizados e aprofundamentos.

Quero agradecer ao COMEC pelo acolhimento durante a construção da pesquisa e partilha dos modos de fazer tão potentes para pensar a socioeducação. Um obrigada especial à Juliana Vedovello, que tornou toda essa parceria possível.

Sou extremamente grata a todos os participantes do estudo, que se dispuseram a compartilhar suas experiências individuais e coletivas, seus modos de vida e algumas tardes de quinta-feira.

Agradeço a minha família e amigos, por estarem sempre comigo e por me apoiarem e incentivarem durante toda a graduação. Vocês tornaram tudo possível, obrigada pelos afetos. Amo vocês.

Agradeço especialmente à minha mãe, que me dá colo e conselho sempre que preciso, só estou aqui por você. Obrigada por me ensinar tanto e me mostrar tantas histórias de livros e de pessoas diferentes, você é minha professora da vida.

Agradeço aos vínculos que formei por causa de bandas, artistas, livros, filmes ou séries que partilham do fascínio pelas artes e pela sua potência do fazer sentir. Por cada experiência em shows, cinema, museus e espaços de cultura. E a One Direction, por ser o meu espaço seguro desde 2010.

Por fim, dedico este trabalho a todos que também têm nas artes um espaço seguro para manifestação de si.

RESUMO

As artes se fazem presente no mundo desde o início das civilizações por meio da música, dança, pintura, escultura, literatura, cinema e podem ser consideradas como uma das primeiras referências da existência humana. Ainda que em condições desiguais, os jovens moradores das periferias urbanas têm realizado um leque de produções artísticas, que revelam os muitos papéis possíveis da arte, desde a expressão sensitiva ao combate à violência, à possibilidade de geração de renda e até como formulação de políticas. Neste contexto, esta pesquisa foi realizada no Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas (COMEC), uma organização da sociedade civil que efetiva o serviço de liberdade assistida e de prestação de serviços à comunidade para adolescentes que cometeram ato infracional. Especificamente, foi analisado o projeto "Sintonizando na Transformação", um coletivo formado por jovens de Campinas, SP, que possui a intenção de comunicar suas narrativas, informar e debater diversos temas a partir das linguagens das juventudes de maneira acessível a outros jovens. Objetivou-se descrever o funcionamento do projeto com o público de adolescentes que cometeram ato infracional e que são acompanhados pelo COMEC, além de compreender os impactos gerados pelo projeto na expressão artística na vida dos adolescentes, por meio da percepção dos próprios jovens participantes. Para tanto, a coleta de dados foi realizada por meio de observação, durante cinco oficinas do projeto, e a realização de seis entrevistas com adolescentes e quatro com membros da equipe, tendo sido transcritas as gravações e analisadas os diários de campo. Os resultados indicaram que a expressão artística pode ser utilizada como uma ferramenta para discutir sobre justiça social, promovendo um sentimento de pertencimento, autonomia e oportunidades de participação social. Ao promoverem esse espaço para as artes, foi possível observar a formação de vínculos que foram surgindo entre os participantes com a equipe. Em razão do enfoque comunitário e territorial, a terapia ocupacional se mostra uma profissão com contribuições para tecer relações entre os sujeitos e as ferramentas que possibilitam os processos que visam à emancipação dos adolescentes. Conclui-se que, ao participar deste projeto, os adolescentes encontraram espaço de escuta e desenharam novos objetivos para si. O estudo destaca a importância de promover espaços para a expressão artística com jovens após o cumprimento de medidas socioeducativas como um recurso para promover a ampliação de seus repertórios e conexões individuais e coletivas.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional Social; Adolescentes; Adolescentes em conflito com a lei; Expressão artística.

ABSTRACT

Introduction: Art has always been present since the dawn of civilization, manifesting in different ways, such as music, dance, painting, sculpture, literature and cinema. Artistic expression can even be considered one of the first referees of human existence. Even in unequal conditions, young people have engaged in a wide array of artistic productions, demonstrating its potential as a means of expression, violence prevention, income generation, and influence on public policies. In this context, this study analysed the "Tuning into Transformation" project, developed by the Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas (COMEC), a Brazilian Non Governmental Organization (NGO) that supports young people from Campinas, São Paulo in conflict with the law. The project is formed by young people that aims to communicate their narratives, disseminate information and foster discussions on various topics through youth-centered languages. The objective was to describe how the project functions and understand the young people's view about the artistic expression's impacts in their life, based on their experience at the NGO. **Methods:** The research involved participative observations during five project's activities and six interviews with young people and four with the staff. The observations were registered in a field diary and the interviews were transcribed. The data was discussed by content analyses. **Practice Implications:** The results indicate artistic expression can be used as a means to ensure social rights, fostering a sense of belonging, autonomy, and new opportunities for social participation. Occupational therapists have abilities to work in a communitarian and territorial approach, enhancing the bondings between them and adding to the space with resources that facilitate young people's social participation and emancipation. **Conclusion:** By participating in the project, these young people found a safe space to discuss and joint reflection and were able to set new goals for themselves. The study highlights the importance of artistic expression with young people in conflict with the law, as a strategy to amplify their body of knowledge and individuals and collective connections.

Keywords: Social Occupational Therapy; Adolescents; Adolescents in conflict with the law; Artistic expression.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Campo de futebol do time Guarani em Campinas (SP).....	35
Figura 2: Folha distribuída com sentimentos para a discussão sobre comunicação não violenta (CNV).....	36
Figura 3: Foto feita da logo da marca de roupa Respect.....	37
Figura 4: Certificados e presentes de graduação.....	38
Figura 5: Banner do projeto Sintonizando na Transformação e foto dos jovens mobilizadores	38
Figura 6: Estúdio de som do projeto.....	42
Figura 7: Estúdio de som do projeto.....	42
Figura 8: Estúdio de som do projeto.....	42
Figura 9: Zineteca com zines produzidos pelos mobilizadores.....	43
Figura 10: Grafite do Paulo Freire no COMEC.....	43
Figura 11: Instrumentos musicais que têm no espaço.....	43
Figura 12: Janela do espaço com latas de spray decoradas, pixo na parede e mandala.....	43
Figura 13: Parede com colagens e pinturas realizadas pelos adolescentes...	44
Figura 14: Parede com poesias e artes.....	44
Figura 15: Parede com arte pixada “Coletividade e Atividade”	44
Figura 16: Arte plástica “Não à redução”.....	45
Figura 17: Espaço do projeto Sintonizando na Transformação.....	45

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Caracterização dos adolescentes entrevistados	22
Quadro 2. Caracterização da equipe entrevistada.	23

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente
- COMEC- Centro de Orientação ao Adolescentes de Campinas
- FEAC- Federação das Entidades Assistenciais de Campinas
- IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
- LA- Liberdade Assistida
- OSC- Organização da Sociedade Civil
- PSC- Prestação de Serviços à Comunidade
- SINASE- Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo
- SGD- Sistema de Garantia de Direitos
- SUAS- Sistema Único de Assistência Social
- TCLE- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- TO- Terapia Ocupacional
- UFSCar- Universidade Federal de São Carlos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. JUSTIFICATIVA	16
3. OBJETIVOS	19
4. PERCURSO METODOLÓGICO	19
4.1 Participantes	20
4.2 Aspectos éticos	21
4.3 Etapas do estudo	21
4.4 Análise de dados	21
5. RESULTADOS	22
5.1 Caracterização dos participantes	22
5.2. Categorias temáticas identificadas	23
1) Terapia Ocupacional Social: trabalhando com adolescentes cumprindo medida socioeducativa	24
2) Adolescências e contextos sociais	25
3) Reflexões acerca do sistema da socioeducação	28
4) Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas (COMEC) e o projeto Sintonizando na Transformação	31
5) Expressão artística como manifestação do individual e do coletivo	39
6) Arte como ferramenta para o desenvolvimento de vínculo	45
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
7. REFERÊNCIAS	50
8. ANEXOS	58
8.1. ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ADOLESCENTES	58
8.2. ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFISSIONAIS	58

1. INTRODUÇÃO

A cultura é um conceito amplo com diferentes interpretações e que aborda muitas dimensões da vida humana. De acordo com Reis (2011), na antropologia social e na sociologia, a cultura é entendida como aquilo que opera nas produções dos modos de vida e códigos relacionais compartilhados. Para Woodward (2009), a cultura adapta a identidade do indivíduo por meio das práticas de significação e da construção de uma subjetividade específica, baseado em uma série de identidades possíveis, regulando, com isso, os tipos de sujeitos que somos.

As expressões culturais, sejam elas manifestadas por meio da arte, da música, da dança, da culinária ou de outras formas de expressão, funcionam como espelhos que refletem as experiências, valores e histórias compartilhadas por determinado grupo humano. No contexto da diversidade cultural brasileira, composta por uma multiplicidade de etnias, religiões, tradições e estilos de vida, a cultura desempenha um papel significativo na representatividade dos sujeitos, pois cria canais para que diferentes grupos étnicos, minorias sociais, comunidades indígenas, LGBTQIA+ encontrem espaços para expressar suas múltiplas identidades e participações na sociedade.

No entanto, o acesso às expressões artístico-culturais no Brasil muitas vezes é limitado, seja por questões socioeconômicas, geográficas ou estruturais, como demonstrado em um relatório do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2011 a 2022, o qual demonstra as desigualdades de acesso à cultura no país, por exemplo, segundo os dados de que 44% dos pretos e pardos vivem em cidades sem cinemas, contra 34% da população branca. A carência de políticas públicas eficazes, a concentração de recursos culturais em grandes centros urbanos e a marginalização de expressões culturais periféricas contribuem para a exclusão de vastos segmentos da população.

Essa limitação do acesso à educação, à cultura e aos bens materiais à população pode ser compreendida como uma estratégia para manutenção do poder, como diz Foucault (2019) sobre o conceito de biopoder, sendo que a lógica apresentada é de impedimento aos pobres do acesso às riquezas econômicas e culturais. Oliveira (2022) traz que tais situações podem ser entendidas como consequências, mas também como fundadoras do processo socioeconômico capitalista ao qual estamos vinculados, sendo

essa falta de condições mínimas de subsistência e sobrevivência consideradas violências estruturais.

Dentro desse sistema produtor de desigualdades, uma de suas vertentes de atuação é a violência, como exemplo fundamentado no aumento do encarceramento da população brasileira. A população carcerária em celas físicas passou de 643.137 para 650.822 de dezembro de 2022 a dezembro de 2023 (BRASIL, 2024). Destes, a maioria dos presos atualmente é homem pardo com o ensino fundamental incompleto. Com base em tais dados, é possível analisar como o sistema prisional nacional reflete uma sociedade de caráter punitivista, moldada de acordo com um modelo de Estado repressor para com suas populações minoritárias.

Tal força estatal punitiva age majoritariamente com a população pobre, sendo a pobreza legitimada como perigosa, digna de punição e vigilância. Para Wacquant (2008, p. 466): “o surgimento do Estado Penal é o resultado de uma política de penalização da miséria, que responde ao crescimento da insegurança salarial e ao aprofundamento do gueto como mecanismo de controle de uma população.”

Faz-se necessário destacar, dentro dessas atuações estatais, a constituição do sistema socioeducativo como uma das formas de controle e disciplina dos jovens, inspirada na lógica punitivista, como a utilizada pelo código penal. É voltado para jovens de ambos os sexos, com idades entre 12 e 18 anos incompletos, que legalmente não podem ser responsabilizados criminalmente e sujeitados a medidas coercitivas. Essas medidas são justificadas por explicações sociopedagógicas e pela proteção da condição deste público como sujeitos de direitos em fase de desenvolvimento (SOUZA et al., 2015) e prioridade na organização social brasileira, segundo a Constituição Federal.

Para melhor entendimento sobre o sistema socioeducativo, precisa-se delinear previamente a sua necessidade na execução de direitos do adolescente. Nesse sentido, Ozella e Aguiar (2008) se opõem ao senso comum de atribuir à adolescência características intrínsecas à crise, dizendo que “a ideia de crise como algo natural cumpre o papel ideológico de camuflar os reais motivos dos conflitos, tornando a crise uma realidade em si mesma” (p.104). Ademais, pode-se entender a adolescência como uma etapa social da vida recentemente “oficializada”, pensando que a ideia econômica liberal é de produzir mão de obra para o trabalho, então historicamente após a infância já se considerava adultos aptos ao trabalho.

Porém, é sabido que durante essa etapa da vida ocorrem transformações corporais advindas do processo de puberdade, significações sociais dessas mudanças, além das

aquisições das características sociais e psicológicas da condição adulta. Por isso, o termo adolescências no plural, buscando explicitar as diferentes realidades, partindo de seu contexto como classe social, gênero, etnia, rede de suporte, local de moradia, acesso a oportunidades e a políticas públicas são essenciais para se compreender quem é o adolescente a que se está abordando (DAYRELL, 2003).

Outro ponto importante quando se fala do sistema socioeducativo é entender a função punitivista do Estado para com os indivíduos. Desde sua criação, as casas de correção tinham práticas fundamentadas no trabalho como medida moralista ao que era compreendido como criminalidade juvenil, sendo este o tratamento para melhora na educação moral (FEITOSA; BOARINI, 2014). Nesse sentido, o Estado assume não só uma postura de proteção, mas também de contenção, podendo ser percebido como uma lógica de disciplinarização das situações sociais, uma forma de controle social que visa não a ação prática contra o delito, mas a sua prevenção (FOUCAULT, 2019). Para Davis (2018), a existência das prisões opera de forma ideológica ao afastar a sociedade da responsabilidade de lidar com os problemas sociais profundos, como o racismo e as desigualdades intensificadas pelo capitalismo global, uma vez que os indivíduos marginalizados são isolados em massa. “Estamos dispostos a relegar um número cada vez maior de pessoas de comunidades racialmente oprimidas a uma existência isolada, marcada por regimes autoritários, violência, doenças e tecnologias de reclusão que produzem severa instabilidade mental?” (DAVIS, 2018, p.9-10)

É nesse contexto sociopolítico que a terapia ocupacional se insere. Parte da profissão no Brasil, desde a década de 1970 é marcada pela contestação do *status quo* e (re)construção coletiva do processo de trabalho. É segundo estudos de Lopes et al (2023) que é realizado o questionamento acerca da função do terapeuta ocupacional em uma sociedade disciplinar, aceitando o “desafio de buscar criar nexos entre aquilo que o processo social traz como demanda e o acúmulo produzido na terapia ocupacional acerca do conceito e das implicações das atividades como mediação” (LOPES, 2023, p. 44). A partir de tais questionamentos, vem sendo construída a terapia ocupacional social, área da profissão que se dedica ao desenvolvimento de ações que mediem processos que visam à inserção e participação social dos sujeitos, objetivando a sua emancipação e autonomia.

Ainda sobre a atuação da terapia ocupacional, Barros et al. (2013) pontuam que as atividades na profissão devem ser utilizadas com base na percepção das demandas nos contextos, “baseadas na interlocução e nas possibilidades do real” (p. 589). É importante ressaltar que sua ação técnica é atrelada à ação política, uma vez que se trabalha com

sujeitos marginalizados que podem sofrer violência e negligência do Estado (LOPES, 2023).

É exemplo dessa ação política o processo histórico de diversas lutas coletivas relacionadas à democratização do país e garantia e acesso aos direitos sociais e políticos, que assegurou em 13 de julho de 1990 a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (BRASIL, 1990), que se fundamenta na compreensão de que as crianças e os adolescentes são sujeitos de direitos sociais e prioridade nacional. O ECA, ao legislar sobre adolescentes em conflito com a lei, estabelece a divisão entre medidas protetivas, destinadas às crianças e adolescentes que necessitam de cuidados e proteção, e medidas socioeducativas, destinadas aos adolescentes autores de ato infracional.

No documento, a legislação evidencia que, ao determinar o cumprimento de uma medida socioeducativa, a autoridade judiciária deve considerar a capacidade do adolescente em cumpri-la, assim como as circunstâncias e a gravidade da infração cometida. As medidas socioeducativas subdividem-se em seis categorias, conforme apresentadas no Artigo 112 e definidas nos Artigos 115 e 116, a saber: advertência, obrigação de reparar o dano; prestação de serviços à comunidade; liberdade assistida; Semiliberdade e Internação (BRASIL, 1990).

Apenas em 2006 foi apresentada a constituição do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), que se constitui como uma política pública destinada à promoção, proteção e defesa dos direitos humanos e sociais de adolescentes e jovens responsabilizados pela prática de ato infracional (BRASIL, 2018). Ademais, o SINASE é compreendido como o conjunto ordenado de princípios, regras e critérios que envolvem a execução de medidas socioeducativas, incluindo os sistemas estaduais, distrital e municipais, podendo ser entendido como um “subsistema” do Sistema de Garantia de Direitos (SGD), característica que exige, portanto, que se comunique e interaja com os demais subsistemas de educação, assistência, saúde, justiça e segurança pública (OLIVEIRA, 2022). É baseada na compreensão da necessidade da garantia de direitos e inclusão do adolescente em conflito com a lei que o Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas (COMEC), localidade desta pesquisa, se encontra como um serviço operador de medidas socioeducativas.

O COMEC foi fundado em 1980 por iniciativa da Promotoria e da Vara da Infância e da Juventude de Campinas, SP, à época denominada Vara do Menor. Sob a legislação do Código de Menores, dava entrada no judiciário todo tipo de infração de adolescentes que apresentavam comportamento inadequado no universo escolar e, em

razão disso, era apontada a necessidade de um serviço que atendesse aquela demanda. Diante deste cenário, somado ao aumento da violência no município, foi decidido que a cidade necessitava de um lugar onde os jovens pudessem ser atendidos de forma especializada e sem romper os vínculos com a sua família e comunidade (COMEC, 2018).

Para melhor entendimento, é necessário uma explicação resumida sobre como funcionam as medidas socioeducativas no âmbito do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), sistema nacional que regulamenta a política de assistência social no Brasil como direito constitucional. As medidas socioeducativas são aplicadas pelo Estado, a partir do artigo 1º da Lei 12.594/2012, aos adolescentes que cometeram algum ato infracional e desempenham três funções principais: responsabilização do adolescente, integração social do sujeito e garantia de seus direitos, desaprovação da conduta infracional. Para sua efetivação, o ECA (Art 112- Lei 8.069/90) prevê seis medidas socioeducativas, divididas em duas possibilidades:

- 1) Sem restrição de liberdade (medidas em meio aberto): advertência, obrigação de reparar o dano, prestação de serviços à comunidade (PSC) e liberdade assistida (LA).
- 2) Com restrição de liberdade (medidas em meio fechado): semiliberdade e internação.

Especificamente sobre a LA, o Art. 119 do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990, s/p.) institui que:

Incumbe ao orientador, com o apoio e a supervisão da autoridade competente, a realização dos seguintes encargos, entre outros: promover socialmente o adolescente e sua família, fornecendo-lhes orientação e inserindo-os, se necessário, em programa oficial ou comunitário de auxílio e assistência social; supervisionar a frequência e o aproveitamento escolar do adolescente, promovendo, inclusive, sua matrícula; diligenciar no sentido da profissionalização do adolescente e de sua inserção no mercado de trabalho; apresentar relatório do caso.

Durante sua fundação, muitos objetivos do COMEC se misturaram com os princípios da liberdade assistida, pois também consiste em um programa de execução de medidas em meio aberto. Em 1992, o COMEC iniciou um novo programa: Educação para e pelo Trabalho, que em 2008 mudou de nome para Aprendizagem Profissional, para adequar-se à lei do Aprendiz (Lei 10.097/2000), que estabelece os direitos, deveres e requisitos do emprego de adolescentes na condição de aprendizes. Em 2007, o COMEC iniciou mais um programa de medida socioeducativa, prestação de serviços à comunidade

(PSC), terceira medida socioeducativa que, de acordo com o Art. 117 do ECA, consiste na realização de tarefas gratuitas de interesse geral, por período não excedente a seis meses, junto a entidades assistenciais, hospitais, escolas e outros estabelecimentos congêneres, bem como em programas comunitários ou governamentais.

Dentre as atividades realizadas pelo COMEC, estão algumas voltadas à utilização de recursos que atraiam a participação dos adolescentes. Atualmente, a instituição possui um estúdio, onde é possível a realização do projeto nomeado "Sintonizando na Transformação", com apoio da Federação das Entidades Assistenciais de Campinas (FEAC)¹, através do programa de Enfrentamento a Violências. O objetivo é capacitar 25 adolescentes e adolescentes após o cumprimento das medidas no COMEC, como mobilizadores sociais, que utilizarão as ferramentas de comunicação através dos recursos tecnológicos e musicais para impactar positivamente outros jovens. Para a efetivação do trabalho, a equipe de trabalho consiste em uma terapeuta ocupacional (coordenadora do projeto), duas cientistas sociais, uma educadora e um técnico de referência.

De acordo com o relatório anual (2022) do COMEC, até agora foram realizados documentários (2), oficina de fotografia, de escrita criativa, atividades de intervenção urbana (grafite, sticker e lambe-lambe) e produções de conteúdos como: podcast (4), entrevistas e vídeos sobre arte urbana (3), *live* cultural (1), gravações de músicas (5), vídeo clipe musical (1) e mídias sociais do projeto. Ademais, os jovens participaram também das gravações do documentário nacional sobre as medidas socioeducativas "Meio Aberto", de entrevista à FEAC¹ sobre o projeto e as experiências com documentários e da elaboração do podcast do projeto FEAC na escuta, uma edição especial sobre o combate ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes.

Neste contexto, a intersecção entre arte e política é destacada como uma maneira de compartilhar o espaço público e participar ativamente das discussões sobre questões comuns. O projeto se organiza fundamentando a noção de cultura como necessidade básica e direito fundamental (UNESCO, 2002), complementando-se com o conceito de identidade e criação de vínculos. A arte desde sempre integra a sociedade, sendo uma área de conhecimento que articula com a construção social, histórica e cultural. De acordo com Buoro (2000, p.25): "entendendo arte como produto do embate homem/mundo, consideramos que ela é vida. Por meio dela o homem interpreta sua própria natureza,

¹ A FEAC é uma organização da sociedade civil (OSC) com atuação em rede que é potencializada pela cocriação de vários projetos sociais por meio de verbas públicas e privadas.

construindo formas ao mesmo tempo em que se descobre, inventa, figura e conhece”. Ademais, para Barros et al., (2013, p.587): “O espaço da cultura forma o ambiente dos laços sociais e das alianças em diferentes domínios da vida social, do fazer que nos religa a todos na exigência existencial da produção de sentido.”

2. JUSTIFICATIVA

A pesquisa surge como consequência de um interesse em identificar, descrever e destacar a importância das artes no processo de identificação do ser, de suas vontades e desenvolve o sentimento de pertencimento e reflexão do cotidiano, importantes tópicos e estratégias na intervenção em terapia ocupacional.

No contexto da prática de terapeutas ocupacionais na socioeducação, Oliveira registra que apenas seis terapeutas ocupacionais entrevistadas em seu estudo: “Terapeutas Ocupacionais e o Sistema de Atendimento Socioeducativo (SINASE)” (2022), sobre estas profissionais em medida de restrição de liberdade, apontaram a existência de mais de uma profissional nas unidades socioeducativas de privação de liberdade que trabalhavam, sendo que, para 37 terapeutas ocupacionais, o setor de terapia ocupacional conta com apenas uma profissional. Duas profissionais indicaram trabalhar em unidade com três ou mais profissionais e outras duas identificaram a existência de estagiários de terapia ocupacional nas equipes de trabalho.

Ademais, a pesquisa realizada por Oliveira (2022) demonstra que, quando perguntadas sobre uma palavra que represente o objetivo do processo de intervenção do terapeuta ocupacional com adolescentes em privação de liberdade, é identificada a palavra “atividades” como a mais repetida, sendo uma representante desses objetivos. Quando as entrevistadas dissertam sobre atividades utilizadas no cotidiano de trabalho, a mais mencionada é “atividade/oficina: artísticas, culturais, lúdicas, manuais, artesanais, esportivas, corporais, expressivas”.

Nesta discussão, o conceito de capital cultural desenvolvido por Pierre Bourdieu (1989) é fundamental para entendermos as dinâmicas de poder, prestígio e *status* na sociedade. Bourdieu definiu o capital cultural como o conjunto de recursos culturais que um indivíduo possui, incluindo conhecimentos, habilidades, linguagem, educação formal

e informal, valores, crenças e experiências culturais. Esses recursos culturais não só são transmitidos de geração em geração, mas também podem ser adquiridos ao longo da vida e são fundamentais para a posição social e as oportunidades disponíveis para um indivíduo.

Especificamos neste debate a terapia ocupacional, compreendida como profissão com um processo histórico dependente das formas de intervenção estatal sobre as expressões da questão social, da configuração da luta de classes e da conformação das políticas sociais do Estado no contexto do capitalismo monopolista, que possui como objetivo a humanização e desvinculação de estigmas das populações acompanhadas, que em sua maioria, se configuram como populações marginalizadas. Quando relacionado o conceito de capital cultural de Bourdieu com a terapia ocupacional, em particular a terapia ocupacional social, pode-se observar como se preocupa em entender a influência das estruturas sociais no acesso e na participação das pessoas em atividades significativas em suas vidas, assim como o capital cultural desempenha um papel crucial nesse contexto.

Nesse sentido, se mostra essencial o trabalho da terapia ocupacional com o cotidiano, que conforme Takatori (2001), é compreendido como um conjunto de experiências vividas, que abrange diferentes espaços, tempos, relações e objetos. É por meio dele que as pessoas expressam seu modo de ser, algo que também se torna reconhecido e compartilhado com os outros, contribuindo para a construção de sua trajetória pessoal e social. Assim, viver o cotidiano significa, também, construir sua própria história. Ou seja, a forma dos sujeitos de viverem suas vidas, articulando o micro com o macro e o individual e coletivo.

Como exemplo, indivíduos com maior capital cultural muitas vezes têm mais acesso a oportunidades cotidianas, o que pode aumentar sua autonomia, participação social e recursos para enfrentar desafios. Eles podem ter uma rede de apoio mais ampla e recursos para a articulação entre os sistemas de assistência, saúde, educação e emprego. Por outro lado, aqueles com menor capital cultural podem enfrentar barreiras significativas para o acesso a recursos e oportunidades, o que pode levar às desigualdades sociais. “Que interesse social é servido por prisioneiros que permanecem analfabetos? Que benefícios sociais há na ignorância? Como as pessoas poderão se regenerar enquanto estiverem presas se sua educação for proibida por lei? Quem lucra (além do próprio estabelecimento prisional) com presos estúpidos?” (Abu-Jamal, 1995, p.65).

A crítica de Mumia Abu-Jamal à negligência educacional dentro das prisões levanta uma questão fundamental sobre os interesses sociais envolvidos na negação do

acesso ao conhecimento. Segundo ele, a manutenção da ignorância entre os privados de liberdade serve não à regeneração dos indivíduos, mas à reprodução de um sistema que lucra com a exclusão e o encarceramento. No contexto brasileiro, o Estatuto da Criança e do Adolescente garante em seu artigo 53 o direito de “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”, e no artigo 112, determina que as medidas socioeducativas devem ser aplicadas com a garantia de todos os direitos individuais, incluindo a educação (BRASIL, 1990). No entanto, na prática, adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas enfrentam condições de ensino longe do ideal, com apenas 5 estados apresentando, na semiliberdade, taxa de escolarização de 100% e 10 estados informando realizar o monitoramento de metas de educação via plano estadual de socioeducação (INSTITUTO ALANA, 2023). Isso indica uma violação não apenas de direitos legais, mas também uma barreira à aquisição do capital cultural necessário para romper com os ciclos de exclusão que marcam suas trajetórias.

Além disso, a leitura de Pierre Bourdieu sobre o capital cultural oferece uma base teórica importante para compreender como a escola e o acesso ao conhecimento funcionam como formas de acúmulo simbólico e de poder. Em contextos de privação de liberdade, como nos centros socioeducativos, o acesso desigual à educação formal e à cultura legitimada compromete a possibilidade de os adolescentes ampliarem seu repertório social e transformarem sua trajetória. Como critica Mumia Abu-Jamal (2011), negar educação a quem está privado de liberdade não contribui para regeneração alguma, mas apenas para a manutenção de um sistema que lucra com a ignorância.

Nesse contexto, o terapeuta ocupacional se depara com práticas institucionais que muitas vezes reproduzem a lógica da prisão, transformando a reeducação em controle e a socioeducação em silenciamento. Foucault observa que: “A disciplina fabrica corpos submissos e exercitados, corpos dóceis” (FOUCAULT, 1975, p. 134), o que revela que o objetivo dessas instituições nem sempre é a emancipação, mas a conformação a normas sociais impostas.

A terapia ocupacional social, ao reconhecer essas dinâmicas de poder e exclusão, busca romper com elas ao potencializar o cotidiano e a criar formas de comunicação significativas dos adolescentes. Na prática da terapia ocupacional social tem-se como objetivo promover a equidade de acesso a um cotidiano significativo, tendo como base as possibilidades de desenvolvimento dos diversos capitais, incluindo o cultural. Isso pode envolver a adaptação de intervenções para atender às necessidades e contextos culturais específicos das pessoas, grupos e coletivos.

Neste contexto, este projeto busca compreender como as diversas expressões artísticas utilizadas como intervenção, em específico o surgimento e manutenção do projeto Sintonizando na Transformação, em uma Organização da Sociedade Civil (OSC) direcionando ações a adolescentes e jovens, pode contribuir para que os adolescentes debatam sobre direitos e cidadania. Segundo Galvani et al. (2016, p.867), é no próprio “fazer da arte e da política que a terapia ocupacional inscreve sua ação mediadora e criativa, e reedifica a noção mesma de atividade e o lugar de um campo de saber que vai além de um espaço profissional.”

3. OBJETIVOS

O objetivo deste estudo foi descrever o funcionamento de um projeto cultural com o público de adolescentes autores de ato infracional e que são acompanhados em uma instituição não-governamental que executa a medida de liberdade assistida e de prestação de serviços à comunidade. Também, compreender os impactos gerados pelo projeto Sintonizando na Transformação na expressão artística na vida dos adolescentes que frequentam o COMEC, por meio da percepção dos participantes.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

A orientação teórico-metodológica do presente trabalho se pauta nas contribuições do materialismo histórico-dialético, se apoiando na compreensão de que a pesquisa, ao contemplar um objeto, deve considerar sua historicidade, imersa nos determinantes culturais, políticos econômicos e históricos, buscando a formulação de análises de elementos socialmente construídos (GOMIDE, 2012). No âmbito da terapia ocupacional, o materialismo histórico se constituiu desde a década de 1980 como uma “chave de leitura” para as práticas, considerada ainda bastante atual e pertinente para embasar a compreensão das ações profissionais em diferentes contextos (BARREIRO; BORBA; MALFITANO, 2020). Para Barreiro et al. (2020), dentro da abordagem materialista histórica, torna-se imperativo ultrapassar o limite do sujeito individual e qualificar o espaço social como indissociável à prática profissional, buscando transpor para a ação coletiva dos grupos populacionais com os quais a terapia ocupacional atua (p. 1314).

Para a coleta de dados, foram realizados dois procedimentos: observação participante durante as atividades do Grupo Sintonizando na Transformação e entrevistas semiestruturadas. A observação participante foi realizada durante os meses de outubro e novembro de 2024, na cidade de Campinas, SP, no COMEC, durante as atividades de arte realizadas pelo projeto Sintonizando na Transformação.

4.1 Participantes

Contribuíram com a pesquisa os adolescentes participantes do grupo e os profissionais responsáveis. Foram realizadas seis entrevistas com os adolescentes e quatro entrevistas com os participantes. Os roteiros de entrevista estão disponibilizados nos Anexos.

Os adolescentes foram contatados antes do início ou ao final das atividades e, ao concordarem em conceder uma entrevista, foi realizada naquele momento ou agendada para momento de maior conveniência, de acordo com sua disponibilidade. Foi realizado um contato prévio com a coordenação do projeto para organização e autorização da pesquisa e, por meio desse contato, também foi solicitada a indicação de seis adolescentes que estivessem participando há mais tempo para o convite à entrevista. Além dos adolescentes, foram convidados quatro profissionais que acompanham o projeto para a realização de entrevistas individuais.

4.2 Aspectos éticos

Os procedimentos éticos em pesquisa foram seguidos, além daqueles elencados pela Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Conforme tal Resolução, foi efetuada a submissão do projeto ao Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), sob o CAAE 82243624.4.0000.5504. Todos os participantes que aceitaram participar do estudo estiveram de acordo com os objetivos da pesquisa assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

4.3 Etapas do estudo

Foi feita a observação de cinco encontros do grupo, os quais foram registrados em diário de campo, visando destacar informações relacionadas ao funcionamento do grupo, dinâmicas empregadas, percepções e práticas dos diferentes atores. A partir da criação de uma aproximação com os participantes, foi realizado o convite à segunda etapa, na qual foram realizadas entrevistas com adolescentes participantes do grupo.

As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado como meio de abrir o diálogo e incentivar a conversa sobre o tema, mas deixando um espaço livre para que pudessem contar sobre suas experiências. As questões abordaram aspectos tais como: atividades e produtos realizados; funcionamento do projeto Sintonizando na Transformação; percepção do participante sobre facilidades e dificuldades encontradas; aprendizados com o projeto; conhecimentos necessários para atuação no contexto; ações marcantes para os adolescentes e os profissionais; percepção sobre a relação entre o projeto e o desenvolvimento de vínculos com os adolescentes.

4.4 Análise de dados

As entrevistas foram gravadas e transcritas, totalizando 13 páginas de transcrição das entrevistas com os adolescentes e 25 páginas das entrevistas com a equipe, perfazendo um total de 38 páginas de transcrição. Como forma de análise, para o diário de campo e entrevistas, foi feita uma leitura de todo o material elegendo temas de discussão para uma análise temática. Para tanto, os dados coletados foram categorizados em palavras-chave, descritos a partir de inferências realizadas e interpretados levando em conta a fundamentação teórica utilizada no projeto, sendo essas: 1) Terapia Ocupacional Social; 2) Adolescências e contextos sociais; 3) Reflexões acerca do sistema de socioeducação; 4) COMEC e o Projeto Sintonizando na Transformação; 5) Arte como expressão e comunicação; 6) Arte como forma de desenvolvimento de vínculo.

5. RESULTADOS

Conforme anteriormente indicado, a presente pesquisa contou com a colaboração de 6 adolescentes participantes e 4 profissionais da equipe.

5.1 Caracterização dos participantes

No seguinte quadro (1), seguem os dados sobre os adolescentes entrevistados, com a descrição de idade, gênero e quanto tempo está no projeto. Já no quadro 2, apresentam-se dados sobre a equipe de profissionais entrevistada, com idade, gênero, quanto tempo atua no COMEC, quanto tempo atua no projeto e profissão.

Quadro 1. Caracterização dos adolescentes entrevistados

<i>Mobilizadores² (M)</i>	<i>Idade</i>	<i>Gênero</i>	<i>Quanto tempo no projeto</i>
M1	24 anos	Masculino	9 meses
M2	20 anos	Feminino	2 anos e meio
M3	18 anos	Feminino	9 meses
M4	24 anos	Feminino	4 anos
M5	21 anos	Masculino	2 anos
M6	19 anos	Masculino	1 ano e meio

Fonte: autoria própria.

Segundo as informações, observa-se que a idade dos entrevistados varia de 18 a 24 anos. Em relação ao recorte de gênero, foram entrevistados o mesmo número de homens e mulheres. Por fim, em relação ao tempo no projeto Sintonizando na Transformação, que teve início em 2020, a participação varia de 9 meses a 4 anos (início do projeto).

Quadro 2. Caracterização da equipe entrevistada.

Equipe (E)	Idade	Gênero	Quanto tempo no COMEC	Quanto tempo no projeto	Profissão
------------	-------	--------	-----------------------	-------------------------	-----------

² Mobilizador é o termo utilizado pela instituição para nomear os adolescentes participantes do projeto Sintonizando na Transformação.

E1	31 anos	Masculino	3 anos	1 ano	Cientista social
E2	48 anos	Feminino	17 anos	4 anos	Terapeuta Ocupacional
E3	36 anos	Feminino	5 anos	4 anos	Cientista Social
E4	24 anos	Feminino	1 ano	1 ano	Educadora Social

Fonte: autoria própria.

*Todos da equipe de base (que não são gestores) são contratados como educadores sociais

Já sobre a equipe entrevistada, as informações coletadas demonstram uma maioria feminina no trabalho. Em relação ao recorte etário, varia de 24 a 48 anos, todos da equipe sendo contratados como educadores sociais, apenas a entrevistada 2, que é coordenadora do serviço. Sobre o tempo no COMEC, percebe-se uma variação de 1 ano a 17 anos. Já no projeto em específico, dois entrevistados (E2 e E3) estão desde o início, sendo responsáveis pela criação do mesmo, enquanto os entrevistados E1 e E4 foram contratados especificamente para atuação no projeto, como responsáveis pelo mesmo. Em relação à profissão, dois dos entrevistados fizeram ciências sociais, uma entrevistada fez terapia ocupacional e uma entrevistada não fez graduação.

5.2. Categorias temáticas identificadas

Tendo em consideração as entrevistas e a observação durante as atividades, foi possível elencar algumas categorias temáticas que descrevem o funcionamento do projeto, a percepção dos entrevistados sobre os impactos gerados pelo projeto em sua expressão artística.

1) **Terapia Ocupacional Social: trabalhando com adolescentes cumprindo medida socioeducativa**

Como a pesquisa contou com a participação de uma terapeuta ocupacional, foi possível compreender sua perspectiva acerca da importância do projeto Sintonizando na Transformação para aumentar a possibilidade de ação da profissão com os adolescentes

e, assim, conversar e refletir com eles sobre cidadania, participação social, direitos sociais, entre outros. De acordo com a entrevistada E2:

É válido e importante ver o quanto a terapia ocupacional tem um escopo nesse trabalho, nessa relação do sujeito, quando a gente realmente implica e acho que eu faço muito esse trabalho com a equipe de ficar assim, “olha, a gente precisa considerar o adolescente com as suas particularidades, a gente precisa ter uma boa escuta, precisa ajudar nesses processos de emancipação” (...) legitimar o quanto que todos esses recursos, essas estratégias e ferramentas são importantes para o nosso trabalho e eu destaco muito, principalmente com adolescentes e jovens, a gente precisa realmente ter um leque de criatividade, um leque de possibilidades, porque as gerações também vão mudando muito e a gente também tem que se conectar o tempo inteiro com a relação que eles têm com essas ferramentas, com as linguagens dessa adolescência, dessa juventude da periferia, da cultura periférica, então acho que isso tem sido muito potente. (E2)

Adicionando ao trabalho essencial descrito, outra intervenção na terapia ocupacional com a área social é o próprio campo social, onde o profissional atua além de abordagens centradas na adaptação individual, assumindo um papel voltado à mediação e articulação social (OLIVEIRA; MALFITANO, 2021). É perceptível a necessidade da relação com o território quando pensamos no trabalho efetivo em terapia ocupacional, sendo possibilitado a partir disso uma maior vinculação com o sujeito e a articulação com outras redes de atenção do espaço.

O território aqui discutido é mais que o espaço geográfico, mas sim uma construção social constituída a partir da inter-relação de sujeitos e dos sistemas ecológicos, que, para Santos (1988), produz normas, ordens e legitimações. Além da perspectiva geográfica e político-social, o território também é um espaço cultural, carregando significados dos espaços comunitários e da participação social no cotidiano dos sujeitos no espaço, produzindo memória dos acontecimentos e relações que surgem dos modos de viver naquele espaço, tendo como consequência a “produção de sentidos que se habita por meio das práticas cotidianas” (LIMA, 2014, p.603). Para Barros et al (2002, p.100): “o território implica, assim, a ideia fundamental de reconhecimento do outro, de encontro com a alteridade”.

Ademais, é necessário ressaltar a essencialidade da profissão ao desenvolver o conceito de cotidiano. De acordo com Heller (1992), na vida cotidiana, as atividades com as quais formamos o mundo e as atividades com as quais formamos a nós mesmos coincidem. Para a maioria dos seres humanos, a vida é a vida cotidiana. Por isso, a atuação com os jovens no projeto se dá no cuidado cotidiano, não se restringindo ao conceito de

algo feito dia após dia, mas se referindo à participação social e construção de significados. Para Galheigo (2003), a concepção sobre o cotidiano na terapia ocupacional brasileira surge com a intenção de transformar os conceitos de atividades de vida diária e atividades de vida prática, que inicialmente tinham uma perspectiva positivista e aparecendo como “um dos eixos norteadores de práticas emancipatórias nos diversos campos de atuação profissional” (GALHEIGO, 2003, p.9).

Acrescentando mais uma trecho da entrevista de E2, para ela a essencialidade da profissão está na relação dos direitos humanos, sociais e trabalhistas ao pensar com os jovens sobre trabalho digno, escolaridade, identidade de gênero, entre outros. Ela traz o exemplo de dois adolescentes no projeto, que são transexuais, e por meio desta experiência, através da entrada de uma profissional voluntária, estudante de doutorado, eles conseguiram fazer toda a organização da documentação do nome social deles, algo que foi super importante. Ela diz:

O projeto o tempo todo também trabalhando toda essa relação do direito, da singularidade e é onde eu acho que eles conseguem trazer a sua diversidade de uma forma que seja acolhida, seja respeitada, e que ele consiga inclusive ser ele mesmo ou ela mesma, aspectos muito importantes. (E2)

Ademais, a entrevistada E4 traz sobre essa discussão de direitos quando fala:

Aqui a gente se identifica muito com o outro, a gente ajuda um ao outro, o CÔMEC e o Sintonizando fazem projeto de vida, se tiver algum mobilizador fora da escola a gente vai incentivando a voltar, fazer o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos - ENCCEJA. (E4)

2) Adolescências e contextos sociais

O conceito de "adolescências", no plural, como acima mencionado, surge como uma maneira de romper com a visão homogênea e universalizante dessa etapa da vida. Cada adolescente vivencia esse período de maneira singular, influenciado por fatores como classe social, gênero, etnia, orientação sexual, religião, território e acesso a políticas públicas (Grillo et al, 2023). No Brasil, as desigualdades sociais produzem diferentes adolescências. A interseção entre desigualdade de renda, racismo estrutural, desigualdade de gênero e violências institucionais cria barreiras para que determinados grupos juvenis exerçam plenamente seus direitos. Nas palavras de Lopes & Silva (2009, p.92), “nessa

concepção, as categorias de adolescência e juventude são entendidas como construção sócio-histórica, econômica, cultural e relacional, determinadas em um processo permanente de mudança e ressignificação nas sociedades contemporâneas”.

Por isso, para a atuação com esse grupo social, é necessário entender suas pluralidades, assim como suas singularidades, que afetam diretamente sua comunicação. A entrevistada E4 exemplifica essas formas de comunicação verbal e não verbal:

A gente fala na língua jovem, se veste do nosso jeito, não fala formal porque é para aproximar a juventude (...) A política é muito importante porque impacta diretamente a nossa vida, principalmente a gente que é de quebrada, de periferia como juventude, então usar essa linguagem informal para aproximar, acho que é um dos melhores métodos que a gente tem, é sempre muito eficaz mesmo. (M4)

A compreensão das adolescências em seus diversos contextos é fundamental para a formulação de políticas públicas que garantam direitos, proteção e promoção do desenvolvimento saudável. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e as diretrizes do Sistema de Garantia de Direitos são marcos importantes na defesa dos direitos dos adolescentes (BRASIL, 1990).

Entretanto, desafios persistem, como o fortalecimento das redes de proteção social, o combate às violências, a ampliação do acesso à educação de qualidade e a promoção da participação juvenil nos processos decisórios (UNICEF, 2021).

A maior dificuldade é lidar com um público que tem muito atravessamento, é um público fragilizado então acredito que a maior dificuldade para realizar as atividades são esses atravessamentos deles mesmo. (E4)

Quando a gente foi na Fundação, vendo essa redução dos meninos ao ato sem entender que eles também são jovens, é uma juventude que é excluída, é massacrada pela polícia e por toda a sociedade e quando a gente foi lá com atividade e saímos de lá cheio de poesia, aquilo ali demonstra muito o quanto eles são criativos, só precisam de alguém que acredite neles e que sente e se coloque no lugar deles. (E4)

Entendendo a complexidade do período da adolescência, em que os projetos sociais e culturais acabam competindo com a procura por emprego, o projeto Sintonizando na Transformação lutou por uma possibilidade de auxílio financeiro por meio de bolsa para os participantes, entendendo que a bolsa auxílio é importante para garantir a permanência deles no projeto, uma motivação e interesse para estarem vinculados ao projeto, além da possibilidade de autonomia financeira. A bolsa atualmente é no valor de R\$350,00 (trezentos e cinquenta reais) para os mobilizadores e R\$400,00

(quatrocentos reais) para o mobilizador de referência³. A entrevistada E2 explica ao ser perguntada sobre o desafio atual no projeto:

Um dos principais desafios ainda do projeto é o quanto que, exatamente por eles ainda serem jovens que vivenciam situações importantes de vulnerabilidades sociais na vida, muitos atravessamentos, isso ainda atravessa muito a permanência neles no projeto, então, por exemplo, o projeto tem uma bolsa, mas é um valor ainda ínfimo se for pensar numa sobrevivência, uma total autonomia financeira, então eles estão o tempo todo em busca de trabalho, em busca de renda, mas normalmente trabalhos precários, trabalhos que mais os expõem, exploram. (E2)

Além disso, a entrevistada E3 destaca alguns dos atravessamentos que acabam sendo agravantes quando discutido a permanência desses jovens no projeto.

São adolescentes que só a bolsa não necessariamente dá conta porque muitos estão ali com 20 anos e já tem muitas demandas financeiras, familiares, então eu acho que isso dificulta sim, embora a bolsa já seja uma boa garantia, ela não é um emprego e a ideia é que também não seja, a ideia é de entender a coletividade, discutir a questão do movimento social. (E3)

Para essa aproximação, a entrevistada conta como acontece a aproximação do jovem ao projeto, como escolhem os participantes convidados:

Quando [o jovem] está na medida, a gente sempre vai apresentando o projeto, inicialmente a gente até fala [da bolsa], porque a bolsa é um direito e foi uma coisa que a gente batalhou para ter, essa bolsa é incentivo porque é um momento em que eles estão tentando entrar no mercado de trabalho, quer ganhar dinheiro, a gente fala que não é um salário mas é um incentivo, então a primeira coisa é: esse adolescente curtiria vir aqui independente da bolsa para fazer essa atividade? Se sim, acho que a bolsa vai ser um grande incentivo para que ele consiga se manter. (E3)

Ainda sobre a funcionalidade do projeto, a entrevistada explica que a equipe tem uma lista onde todos os orientadores de medida socioeducativas executadas pelo COMEC indicam possíveis adolescentes participantes. A partir daí, vão fazendo os contatos, pensando que são adolescentes que recém finalizaram o cumprimento de sua medida socioeducativa e outros que podem ter finalizado há anos atrás. Atualmente há a participação de jovens que cumpriram a medida socioeducativa há 5 anos atrás e estão engajados no projeto. Para a realização da escolha dos participantes, a entrevistada conta que levam em consideração adolescentes que tenham engajamento nas atividades, que tenham no percurso do cumprimento da medida socioeducativa demonstrado

³ Mobilizador de referência é o(a) participante selecionado(a) para a função de educador(a) social, tendo acesso a formação técnica para ampliação de conhecimento e atuação no campo (FUNDAÇÃO FEAC).

engajamento nas atividades propostas, mas não necessariamente tenham demonstrado habilidades específicas, mas sim a vontade de se comunicar e se expressar.

A gente tem adolescentes, por exemplo, muito tímidos que compõem o projeto e que você vê um desenvolvimento também que de repente querem ficar mais atrás das câmeras mas que estão ali presente, que vai ter um outro alcance, tem aqueles que já são pessoas super comunicativas, aquelas pessoas que vão estar ali de frente, que começa a fazer inclusive uma rede na cidade, mas tem aqueles que vão ter um outro desenvolvimento, às vezes mais pessoal ou que às vezes é numa outra potência (E3)

3) Reflexões acerca do sistema da socioeducação

O sistema socioeducativo brasileiro, destinado à aplicação de medidas para adolescentes que cometeram atos infracionais, encontra-se em permanente tensão entre práticas de responsabilização, proteção de direitos e mecanismos de controle social. A partir das contribuições de Michel Foucault (1975), é possível problematizar a função e as práticas dessas instituições, evidenciando os modos como o poder se manifesta e regula os corpos e comportamentos juvenis.

No Brasil, as medidas socioeducativas previstas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) configuram práticas que discursam a intenção de efetivar um processo de socioeducação. Ocorre que, embora revestidas do discurso da proteção, frequentemente reproduzem lógicas punitivas e excludentes, sendo a ressocialização, nesse contexto, permeada por práticas de vigilância, contenção e disciplina, aspectos profundamente analisados por Foucault no conceito de biopoder.

O conceito de biopoder refere-se ao conjunto de práticas por meio das quais o Estado regula e administra a vida das populações, incidindo sobre os corpos e comportamentos. O sistema socioeducativo, nesse sentido, pode ser visto como uma manifestação contemporânea do biopoder, na medida em que seleciona determinadas populações juvenis, majoritariamente negras, pobres e periféricas para processos intensos de vigilância e controle (FURTADO; CAMILO, 2017).

Em razão disso, o trabalho com adolescentes no sistema socioeducativo exige uma abordagem multidisciplinar que reconheça as múltiplas dimensões envolvidas nesse campo: o aspecto jurídico, a proteção integral dos direitos, a escuta qualificada, a promoção da autonomia e a superação do ciclo de exclusão social.

Além disso, é preciso lidar com os efeitos da estigmatização que esses jovens carregam, fruto de um histórico de exclusão, racismo estrutural e desigualdades socioeconômicas (GOFFMAN, 1988). Exemplifica uma das entrevistadas, após uma atividade realizada na Fundação Casa⁴, ao dizer que “as pessoas têm muito preconceito com eles por estarem na Fundação” (M4).

Apesar dos desafios, trabalhar com adolescentes que cumpriram a medida socioeducativa em meio aberto, como a liberdade assistida e a prestação de serviços à comunidade, que passaram pelo COMEC (Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas), também oferece potencialidades importantes para o desenvolvimento de práticas emancipadoras, construindo reflexões sobre o universo infracional, mercado de trabalho, plano de carreira, trabalhando assim o seu protagonismo através das produções, além das necessidades de cada um e da garantia de direitos.

Porém, ainda são escassas as produções sobre a atuação profissional com jovens após as medidas socioeducativas. Embora o sistema socioeducativo brasileiro tenha como princípio norteador a ressocialização e a reinserção social dos adolescentes em conflito com a lei, na prática, observa-se um profundo abandono institucional e social desses jovens após o cumprimento das medidas. Esse fenômeno configura-se como uma forma de negligência estrutural que perpetua ciclos de exclusão, marginalização e reincidência.

Para Bourdieu, o poder simbólico consiste na imposição de significados e limites que naturalizam as desigualdades e a exclusão social (ROSA, 2017). A negligência com os jovens egressos do sistema socioeducativo pode ser interpretada como uma dessas formas de violência: ao serem abandonados pelas instituições, reforça-se a ideia de que são sujeitos irrecuperáveis ou perigosos, legitimando sua exclusão do convívio social.

Essa negligência institucional se soma ao estigma social (GOFFMAN, 1988) que acompanha esses jovens, dificultando seu acesso ao sistema educacional, ao mercado de trabalho e à construção de novos projetos de vida. O entrevistado E1 discute sobre o assunto:

A questão da pós medida é um dilema para todas as executoras de socioeducativa, porque o tempo é curto, você tem cinco meses, um ano, um ano e meio para trabalhar tantas coisas, problemas estruturais, problema com garantia de direito e são coisas que não trabalhamos do dia para noite, esse

⁴ A Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (CASA) é uma entidade vinculada à Secretaria de Estado da Justiça e Cidadania de São Paulo, com a missão de aplicar medidas socioeducativas em conformidade com as diretrizes do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e no Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). É responsável pela aplicação da medida de restrição de liberdade aos adolescentes que recebem esta medida no julgamento judicial.

afastamento do universo infracional, essa autonomia, essa liberdade financeira, são coisas que você trabalha a longo prazo (E1)

Em razão disso, algumas experiências têm demonstrado que o acompanhamento pós-medida é fundamental para romper o ciclo da exclusão e prevenir a reincidência. Essas iniciativas reforçam a importância das redes de apoio, tanto familiares quanto comunitárias, como elementos-chave no processo de construção de novas trajetórias de vida para os jovens. Contudo, tais práticas ainda são escassas e pouco difundidas no Brasil.

Um dos profissionais entrevistados conta como não há um índice oficial sobre quando os jovens concluem a medida socioeducativa e seu acompanhamento, o que resulta na desinformação aos profissionais, demonstrando a desarticulação das redes de apoio no pós medida, para a vida efetiva.

Em razão disso, torna-se essencial profissionais que possam articular com outras redes de apoio para garantir um cuidado e acolhimento para com esses adolescentes em suas comunidades. Os entrevistados E1 e E2 adicionam ao ser perguntada sobre conhecimentos necessários para a atuação no contexto:

Profissionais que tenham uma boa escuta, profissionais que de fato reconheçam esses adolescentes como sujeitos de direitos, eu sempre falo isso, minha fala parece clichê, mas por quê? Porque nós precisamos receber o adolescente aqui, não o LA, o PSC, o menino infrator. Nós precisamos estar abertos para receber o João, a Maria, o Gabriel, a Ana e tantos outros que passaram aqui. Quando a gente consegue de fato estar desprendido de valores que já são muito pesados lá fora para eles, então que a gente consegue de fato oportunizar que eles tenham outras experiências, outras vivências aqui no percurso tanto na medida e do projeto. Então, profissionais que consigam trabalhar um bom vínculo, que sejam realmente conectados com a rede intersetorial e que possam pensar estratégias, porque o projeto também não vai abarcar toda a demanda deles, nós também precisamos o tempo inteiro nos conectar com essa rede, pensando sempre que a área social precisa de profissionais que estejam numa relação de muito cuidado, de uma escuta cuidadosa, que de fato tenham como a essência do trabalho o respeito, a busca da autonomia desses jovens, das potências deles e no viés de garantir direitos. (E2)

Conhecimento da rede, tanto da assistência quanto da cultura, de profissionais, porque o projeto trabalha muito essa questão cultural, trabalhar por exemplo referências, então lideranças comunitárias, ponto de cultura (...) além de entender a importância da coletividade, da construção coletiva. (E1)

4) Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas (COMEC) e o projeto Sintonizando na Transformação

O processo de reintegração social de adolescentes egressos do sistema socioeducativo no Brasil enfrenta diversos desafios, entre eles o estigma social, a falta de oportunidades educacionais e profissionais, e a ausência de políticas públicas que garantam o acompanhamento pós-medida. Nesse contexto, surgem iniciativas importantes, como o COMEC e o Projeto Sintonizando na Transformação, que visam romper o ciclo de exclusão e negligência a que esses jovens são historicamente submetidos.

O COMEC é uma Organização da Sociedade Civil (OSC) com a missão de atender adolescentes e suas famílias na perspectiva da participação social, na garantia de direitos, possibilitando que os jovens consigam ter um espaço social inclusivo, segundo aquilo que eles tenham como potência. Dentre as suas atividades, o projeto Sintonizando na Transformação começou em 2020, voltado para jovens que cumpriram medidas socioeducativas no COMEC e tenham interesse em se formar como mobilizadores sociais. O projeto é financiado pela Fundação FEAC (Federação das Entidades Assistenciais de Campinas) a partir de uma parceria com o COMEC, com objetivo de promover e ressignificar as trajetórias de vida dos mobilizadores, com mudança de papel social e com promoção de autonomia no âmbito pessoal e no mundo do trabalho (Fundação FEAC, 2024).

O Projeto Sintonizando na Transformação busca se constituir como uma das respostas concretas ao fenômeno da negligência pós-medida, que, como exposto anteriormente, é um dos fatores que compromete a efetividade do sistema socioeducativo no Brasil. Iniciativas deste tipo demonstram que é possível construir políticas públicas baseadas na intersetorialidade, no acolhimento e na promoção da autonomia dos jovens, superando práticas excludentes e punitivas que historicamente marcaram o atendimento aos adolescentes em conflito com a lei.

Além disso, ao promover a participação ativa dos jovens, essas ações contribuem para seu empoderamento social e reconhecimento como sujeitos plenos de direitos, rompendo com o ciclo da exclusão e da violência institucional. Com base nas entrevistas com os mobilizadores, foi possível entender para os próprios jovens a importância do projeto segundo suas respostas sobre o momento mais marcante para eles:

[O momento mais marcante] foi em uma Fundação Casa que eu passei, e entrar lá de novo, só que como outra pessoa, tendo devido respeito ali, consideração como pessoa mesmo, entrar de cabeça erguida, não precisava pedir licença até para as paredes para andar por ali, isso foi uma parada muito marcante para mim, trocar ideia com a molecada que tava lá também, acho que essa foi uma das mais marcantes. (M6)

A gente entrevistou os meninos da medida (Fundação Casa), e nesse dia eu já estava como mobilizador, então foi uma experiência boa assim me ver num lugar que eu tava e depois em outro lugar ajudando essa pessoa. (M5)

Ademais, quando perguntados o que aprenderam com o projeto, acrescentam:

Eu aprendi muito a trabalhar em grupo, lidar com pessoas, lidar com direcionamento de atividades, esse tipo de coisa, entender que é um conjunto (...) Me ressignificar como pessoa, como artista e como mobilizador social, e é um projeto muito importante para eu poder explorar tudo isso. (M6)

A gente explora a cultura, apresenta atividades diferentes, dialoga, troca uma ideia, enfim, eu acho que dessa maneira a gente consegue caminhar melhor, de maneira mais eficiente para estar ali tirando aquele jovem no mundo infracional. (M6)

Quando, infelizmente, eu fui preso e saí e passei a cumprir a medida [liberdade assistida], no começo era meio chato, uma obrigação, mas com o tempo aquilo foi se comunicando com a vontade que eu tinha dentro de mim e tentar salvar algum truta, tirar algum moleque do crime, eu acho que por mais que não seja isso diretamente, de “tô aqui pra tirar você do crime”, o projeto conversa muito com isso, de explorar outros lados do jovem, apresentar para ele a cultura, que muitas das vezes ele não teve acesso e dessa forma acabar conseguindo tirar ele do mundo infracional às vezes, acho que é isso, essa é a minha maior motivação. (M6)

Foi onde me libertei mais, consegui me expressar com as pessoas, sei agora como chegar, como sair, tudo por causa do sintonizando. (M1)

O projeto mudou muito a minha vida no sentido de que eu não ligava para curso, para essas coisas, só pensava em trabalhar e aqui começaram a me oferecer cursos, hoje em dia tô fazendo um curso de gastronomia e eu agradeço muito por essa oportunidade e se tiver mais oportunidades eu vou estar aí fechando com o Sintonizando de coração (M1)

E na minha vida mudou até em questão de, às vezes a mente tá meio confusa, pensando em fazer coisa errada e é bom que me ajudou porque eu vinha no estúdio gravar, conversar e então, passava esse pensamento ruim. Então me ajudou bastante no sentido de me afastar de coisa errada e me trazer pra algo bom. (M5)

Mudou minha forma de pensar, minha forma de agir, a maneira de ver as pessoas e desde então mudou completamente minha vida, eu fiz um curso de educadora social e hoje em dia eu tô batalhando para poder entrar na área de educadora social. Hoje em dia eu não me vejo fazendo outra coisa a não ser ou o Sintonizando ou trabalhando como educadora social. (M2)

Ademais, em uma publicação na rede social Instagram, um antigo mobilizador do Projeto declarou: "A minha vida mudou muita coisa a partir do COMEC, do Sintonizando

na Transformação, acho que foi onde eu aprendi a ter mais maturidade. Uma coisa que o projeto sempre fez foi nunca desistir das pessoas e nunca desistiram de mim", indo ao encontro das demais manifestações dos participantes deste estudo.

Quando perguntado à equipe sobre a construção e realização do projeto Sintonizando, eles contam que o projeto vem de um desejo da própria equipe em conjunto com a identificação da demanda que têm acerca do pós medida, onde ainda identificaram fragilidades no sentido de continuidade, dos jovens ficarem referenciados em serviços que possam dar continuidade no atendimento de suas demandas ainda presentes. Ressaltam a necessidade de estarem conectados com o território de vida e de moradia deles para acessar direitos básicos e serviços, assim como aos acessos a serviços que visam à garantia de direitos e acompanhamento sistemático diante de situações de violações de direitos, violências agravadas, com destaque para o papel da escola, que é, de acordo com a equipe entrevistada, um desafio para a permanência dos adolescentes nos estudos.

Takeiti e Santamaria (2023) reforçam como a prática no território e na comunidade devem considerar atravessamentos sociais e políticos que constituem os jovens. O território é entendido como um espaço de subjetividade e não como espaço físico. No mesmo artigo, trazem algumas experiências e atividades realizadas no projeto Sintonizando na Transformação, sendo uma delas a oficina de fotografia, atividade de formação técnica para os mobilizadores sociais. Nela, a fotografia contribui para ampliar a escuta e visibilizar as resistências juvenis, trazendo as experiências dos jovens de como o território é vivido de modo criativo e político, em especial as linguagens artísticas culturais por meio de grafite e pixo, que “contestam sobre as diferenças sociais e tornam visível pessoas excluídas socialmente.”

Para isso, o projeto surge com o objetivo geral de que os adolescentes se mantenham afastados do universo infracional, a partir de outras experiências, de outros lugares que possam ocupar, de outras bases que estruturam para a vida em outras trajetórias. De acordo com a entrevistada E2:

O quanto a gente vai falando de trajetórias de vida, de objetivos de vida, de cuidado, o quanto que o cuidado é importante, então eu vejo muito a terapia ocupacional trabalhando todas essas questões, e eu não tô na ponta diretamente com eles, mas eu acho que poder também estar em diálogo direto com com a equipe de referência do projeto, viabilizando que muitas coisas do projeto sejam possíveis, e também legitimando muito. (E2)

A entrevistada E3 conta sobre a funcionalidade do projeto e explica que já tiveram momentos em que a meta era atingir 20 adolescentes, sendo dois grupos de 10, e com o tempo foram determinando um grupo de 15 jovens, pensando que vão ser 15 pessoas engajadas, porque acaba tendo uma rotatividade por conta do contexto que eles estão, um período em que ou estão finalizando a escola ou no início da vida profissional, com vários atravessamentos em suas vivências, muitas vezes a maternidade, paternidade, e também o quanto é difícil manter um jovem no projeto, numa fase de querer procurar trabalho.

Ademais, ressalta a importância de projetos pós medida quando fala:

Acho que nesse sentido, pensar em projetos, não só o Sintonizando mas de pós medida, faz muito sentido porque tem muitos meninos que pela medida se identificam com essas linguagens, se identificam com a linguagem artística e depois, na hora que termina a medida, não tem recursos, a gente tem algumas ofertas, mas que não são necessariamente para eles, às vezes tem um serviço de convivência, mas é só até os 17, a não ser que seja o inter-geracional, então a gente vê que não têm tantas ofertas assim para os adolescentes que se identificam com essas linguagens e que querem explorar de uma forma livre, não necessariamente vai ser monetizada, nessa coisa de você achar que você tem que ser artista, você tem que produzir para você se reconhecer nesses papéis, você pode trabalhar desde a linguagem do grafite, da música para se potencializar enquanto juventude, então ter um espaço que permita isso faz muito sentido pra gente e pro atendimento em si. (E3)

Durante a realização deste trabalho, foi possível vivenciar uma rica experiência de observação participante, a partir da presença em cinco atividades promovidas com adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas. A participação direta nas ações possibilitou compreender de forma mais profunda as dinâmicas institucionais, as práticas pedagógicas e os desafios enfrentados pelos jovens e pela equipe técnica.

Desde o início das visitas, observou-se que os adolescentes se mostraram bastante acolhedores, demonstrando abertura para o diálogo e participação ativa nas atividades propostas. Atualmente, o espaço conta com a atuação de quatro terapeutas ocupacionais, além de uma equipe multidisciplinar, composta por profissionais de diversas áreas que se articulam para atender de forma integral às necessidades dos jovens.

Na primeira visita, o grupo foi conduzido ao estádio de futebol do Guarani, um espaço simbólico para a cidade e para o esporte (FIGURA 1). No entanto, foi perceptível que a atividade não despertou grande entusiasmo entre os adolescentes; muitos demonstraram indiferença ou pouco interesse pela proposta, o que foi interessante para após a visita iniciar uma discussão sobre o que cada um gosta de fazer, o que é lazer e a importância de ir a lugares diferentes para experienciar situações e emoções diferentes.



Figura 1: Campo de futebol do time Guarani em Campinas (SP).

A segunda visita consistiu em uma conversa sobre economia e planejamento financeiro com os adolescentes que estão em cumprimento de medida socioeducativa. A proposta central foi discutir a possibilidade de organizar uma feira no final do ano, que funcione como um espaço de exposição e comercialização de produtos elaborados pelos próprios jovens. A atividade foi marcada por uma participação reflexiva, com sugestões criativas e o envolvimento do grupo na construção dessa ideia. Essa iniciativa visa estimular competências relacionadas ao empreendedorismo social, à autonomia e ao planejamento de projetos de vida.

Na terceira visita, foi promovida uma conversa sobre Comunicação Não Violenta (CNV), conduzida pela facilitadora Juliana Jodas (FIGURA 2). A atividade buscou trabalhar aspectos relacionados ao reconhecimento e expressão saudável dos sentimentos, bem como ao desenvolvimento de habilidades para resolução de conflitos de maneira pacífica e empática. A apresentação foi bem recebida pelos adolescentes, que participaram ativamente das discussões, demonstrando interesse em compreender novas formas de comunicação e convivência.

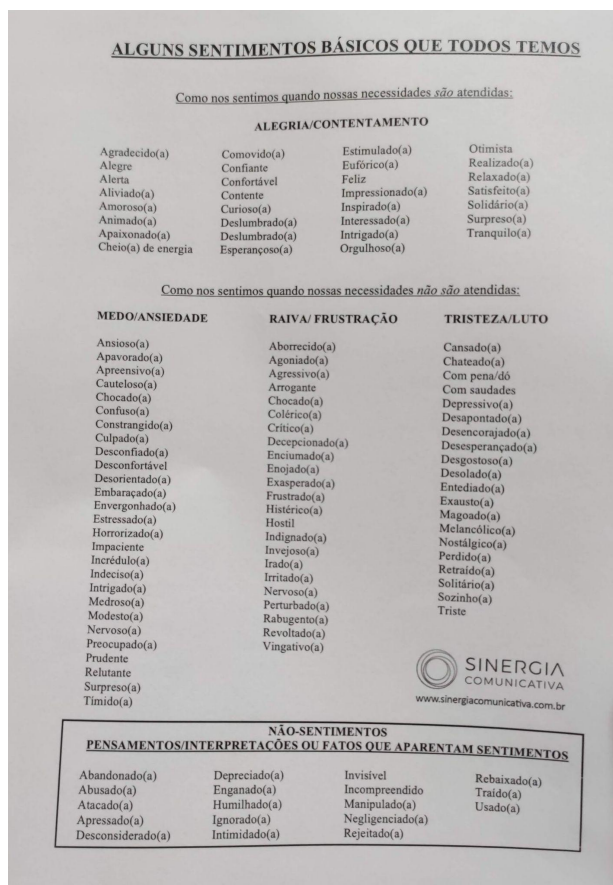


Figura 2: Folha distribuída com sentimentos para a discussão sobre comunicação não violenta (CNV).

A quarta visita levou o grupo até a loja da marca Respect, onde foi compartilhada a história da criação da marca e as inspirações que motivaram seu desenvolvimento (FIGURA 3). A atividade teve um caráter motivacional, pois permitiu aos jovens conhecerem uma experiência concreta de empreendedorismo e de superação de desafios sociais. Destaca-se, nesse momento, a expressão de um dos adolescentes entrevistados (M1), que de forma simbólica, assinalou a percepção sobre os processos de inserção social: "os degraus começam gigantes até ficarem igual o dos outros pra gente". Essa frase sintetiza a vivência de superação de barreiras que muitas vezes são impostas aos adolescentes em conflito com a lei, reforçando a importância de iniciativas que promovam a inclusão e igualdade de oportunidades.



Figura 3: Foto feita da logo da marca de roupa Respect.

Por fim, a quinta e última visita foi dedicada ao encerramento das atividades do projeto naquele ano e à entrega dos certificados aos adolescentes participantes (FIGURAS 4 e 5). Esse momento foi permeado por um clima de valorização e reconhecimento, evidenciando a importância de rituais de conclusão que reforçam o sentimento de pertencimento e de conquista pessoal. A entrega dos certificados representa não apenas o fechamento de um ciclo, mas também o reconhecimento institucional do esforço e do comprometimento dos participantes ao longo do percurso. O evento foi carregado de significados e, após a certificação, tiveram algumas apresentações dos mobilizadores e de algumas convidadas, que contaram a história do Slam e da Batalha de rima, enfatizando a importância dos dois na cultura hip hop. O Slam é, de acordo com Arthur (2017, s/p), um “fenômeno de poesia oral em que poetas da periferia abordam criticamente temas como racismo, violência, drogas, entre outros, despertando a plateia para a reflexão, tomada de consciência e atitude política em relação a esses temas”. Depois da competição de Slam, houve então uma batalha de rima, com as organizadoras de uma das batalhas que ocorrem em Campinas semanalmente. Esses movimentos foram tocantes para todos os presentes, as convidadas proclamaram poesias que trazem suas experiências com violências de gênero, raça e classe de uma forma extremamente sensível e impactante.



Figura 4: Certificados e presentes de graduação



Figura 5: Banner do projeto Sintonizando na Transformação e foto dos jovens mobilizadores.

A realização dessas visitas possibilitou compreender a relevância de práticas socioeducativas, em sua função tal como prevista no ECA, na consecução de ações sociais educativas. Diferentemente da punição, buscam promover processos de formação, emancipação e inserção social. As atividades observadas destacaram a importância do

acolhimento, da escuta qualificada e da oferta de oportunidades concretas para que os adolescentes possam reconstruir suas trajetórias, superando estigmas e limitações sociais.

Além dessas atividades, em que foi possível estar presente, os adolescentes entrevistados contam que, neste grupo, fazem documentários, podcasts, oficinas de fotografia, pixo⁵, culinária, crochê, agregando também cursos que o projeto organiza para os mesmos. O profissional E1 ressalta a potência do projeto: “nosso projeto, acho que o potencial vem da prática, da troca, a gente fala que é da práxis, que é o conhecimento atrelado à prática, à vivência”.

Quando perguntado à equipe sobre a percepção que os mesmos tinham acerca da relação entre o projeto e o desenvolvimento de vínculos com os adolescentes, foi interessante a resposta da entrevistada E3, que destaca a importância que a autonomia que o projeto possibilita aos jovens:

Eu acho que ele favorece porque não tem mais a figura do Judiciário no meio, isso é uma das primeiras conversas que tenho e falo “olha, você tá aqui porque você quer tá aqui e a gente tá apostando nisso, você vai ter um compromisso, um combinado, mas a gente tá entendendo que você quer estar aqui”, então não tem mais essa obrigatoriedade, não tem mais a interferência do juiz no meio da relação em si, então isso favorece muito, é um espaço que de fato eles podem vivenciar a juventude. (E3)

5) Expressão artística como manifestação do individual e do coletivo

A arte, em suas múltiplas linguagens, representa uma poderosa ferramenta de expressão, subjetivação e libertação. Para jovens historicamente marginalizados e estigmatizados pela sociedade, a possibilidade de se expressarem por meio da arte rompe barreiras simbólicas e institucionais, oferecendo novos caminhos de construção identitária e de ressignificação de suas trajetórias.

Segundo Paulo Freire (1996), todo processo educativo deve ser orientado pela valorização da expressão cultural dos sujeitos, respeitando seus saberes, sua linguagem e suas formas próprias de manifestação. A arte, nesse sentido, emerge como um espaço privilegiado para que os adolescentes possam reconhecer-se como sujeitos criadores, capazes de intervir no mundo e transformar sua realidade.

⁵ Embora a norma da língua portuguesa indique a grafia "pichação", os jovens utilizam "pixação" e "pixo:", tendo neste texto mantido a forma usada pelos adolescentes participantes deste estudo.

No campo socioeducativo, diversas práticas artísticas como pixinho, música, artes plásticas, zine e teatro são utilizadas como estratégias que promovem a libertação simbólica dos adolescentes, permitindo que expressem sentimentos, angústias, sonhos e críticas, muitas vezes silenciados ou reprimidos pela experiência da institucionalização.

O filme *Sing Sing* (2023)⁶ traz de forma singular o potencial transformador que a atividade artística, em específico o teatro, possui. Inspirado em uma história real, o drama se passa com foco em um grupo de teatro de um programa de reabilitação através das artes, disponibilizado pela instituição de segurança máxima nos Estados Unidos, a *Sing Sing*. Ao longo do filme, é explorado temas sobre o sistema prisional, o encarceramento e o significado da expressão artística na vida dos sujeitos em privação de liberdade. É relevante acrescentar que o elenco do filme inclui ex-integrantes reais deste programa, chamado “*Rehabilitation Through the Arts*” (RTA) ou Reabilitação Através das Artes.

Compreendendo essa afetação possível a partir da arte, os profissionais contam sobre a necessidade de um espaço para a juventude, pensando em incluir suas formas de linguagem, de arte, seu repertório social e cultural para que os jovens possam se sentir confortáveis em trabalhar e expressar seus sentimentos e posicionamentos.

Todas essas produções que a gente faz através do estúdio são muito importantes para trabalhar esse protagonismo, as temáticas de interesse deles, a expressão, o poder da retórica, da fala, do posicionamento, do senso crítico, da elaboração política, enfim, tudo isso é muito trabalhado por essas produções (E1)

Quando a gente pensa que é um espaço para juventude que abarca diferentes linguagens, a linguagem da arte, com todo o seu repertório, da música, da cultura no geral, entra enquanto uma ferramenta de trabalho, acho que para nós isso é muito caro, quando a gente entende que as diferentes linguagens são importantes ferramentas no nosso trabalho com os adolescentes, jovens, quando a gente pensa que toda a expressão é, mas quando a gente legitima que se expressar pela música, pela poesia, pela escrita, pela relação grupal, é importante. (E2)

Além disso, a arte contribui para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como a autoconfiança, a resiliência e a capacidade de expressão não violenta, aspectos fundamentais para a construção de novos projetos de vida (REIS, 2014). Ao vivenciarem processos criativos, os adolescentes experimentam formas alternativas de convivência, exercitam a cooperação e ampliam sua visão de mundo.

⁶ *Sing Sing* é um filme de drama estadunidense dirigido, co-produzido e co-escrito por Greg Kwedar. Foi lançado em 2024 nos Estados Unidos pela distribuidora A24 e em 13 de fevereiro de 2025 no Brasil pela Diamond Films.

Eu quero trazer inspiração pra molecada, a minha história de vida, a pessoa que eu tô me tornando agora, tudo isso é muito incrível para mim (M1)

Um exemplo disso é o podcast do projeto, chamado Sintonizando na Transformação, que criaram com o objetivo de debater diversos temas a partir das linguagens das juventudes da maneira mais acessível possível. Nele, os jovens contam que escolhem como consequência da conversa um tema que querem discutir e montam o roteiro individual e coletivamente. Contam que já falaram sobre violência policial, falta de emprego, vestimenta, sendo esse podcast um espaço que busca, por meio da consciência crítica, articular ações para participação social e autonomia. É interessante destacar que alguns temas do podcast também foram transformados em documentários, como o Contrariando Expectativas e Mão na Lata: Pixo, Risco e Ação, ambos sendo disponibilizados no youtube no canal Estúdio Sintonizando na Transformação.

Para a realização dos projetos artísticos é utilizado o estúdio do projeto (FIGURAS 6, 7, e 8). O estúdio se configura como um um espaço protegido onde podem experimentar e desenvolver habilidades criativas, sobretudo relacionadas à música, elemento cultural profundamente presente em nossas vivências cotidianas. Ademais, as produções realizadas nesse espaço podem ser socializadas por meio de eventos e mídias sociais, fortalecendo a autoestima e a inserção social dos jovens, além de promover uma aproximação positiva com a comunidade.

Para nós é muito significativo ter o estúdio, então quando a gente vê o quanto esses adolescentes querem entrar no estúdio, tanto no percurso da medida, quanto depois, quando eles descobrem que eles podem ter uma música gravada, que às vezes eles compuseram mas estava guardadinha ali e agora ele pode pôr a voz, pode ser tratada e sair super legal, com beat que eles gostam, então o quanto que isso também vai dando um lugar, uma representatividade para eles. (E2)

Acabou que o pessoal me chamou aí eu eu já gostava de cantar, de fazer música, aí tinha um estúdio aqui que eu acabei me aproximando mais, gostando e aprendendo coisa que eu não sabia e então comecei a gostar tanto que nesse ano também pedir para ficar de novo, porque o certo é um ano. (M5)



Figuras 6, 7 e 8: Fotos do estúdio de som do COMEC.

É essencial ressaltar que as formas de arte marginalizadas, como o pixo, o grafite e o funk, são expressões legítimas de subjetividade e resistência, que cumprem um papel central na comunicação e na construção de identidades juvenis (CEARA, DALGALARRONDO, 2008). Para Wainer (2005): “o ato de pichar é um efeito colateral do sistema. É a devolução, com ódio, de tudo de ruim que foi imposto ao jovem da periferia.” (p.98) No contexto socioeducativo, valorizar essas manifestações é um passo essencial para promover práticas que respeitem a dignidade dos adolescentes, favoreçam sua inserção social e rompam com os ciclos de exclusão e criminalização historicamente impostos.

Nesse sentido, a inserção de oficinas de grafite, produção musical e mediação cultural nos programas socioeducativos pode contribuir para o fortalecimento da autoestima, da criatividade e da autonomia dos adolescentes, além de ampliar suas possibilidades de atuação e participação social.

É interessante descrever o espaço físico do projeto, pois este exemplifica a expressão artística em um espaço que considerado deles, para uma produção deles para eles. A presença de latinhas de spray para a prática do grafite, por exemplo, oferece a possibilidade de atuar sobre o espaço de maneira estética e simbólica, apropriando-se de técnicas e estilos próprios. O grafite é, nesse sentido, um meio de expressão e de intervenção.

Um espaço físico bem estruturado para atividades artísticas também pode funcionar como um território de acolhimento e segurança, rompendo com a lógica dos ambientes institucionalizados marcados pela rigidez e pelo controle. Trata-se de criar um ambiente esteticamente estimulante e afetivamente seguro, que contribua para o fortalecimento da autoestima, da autonomia e do vínculo com a equipe técnica e com os demais participantes (FIGURAS 9 a 17).



(Figura 9)

(Figura 10)

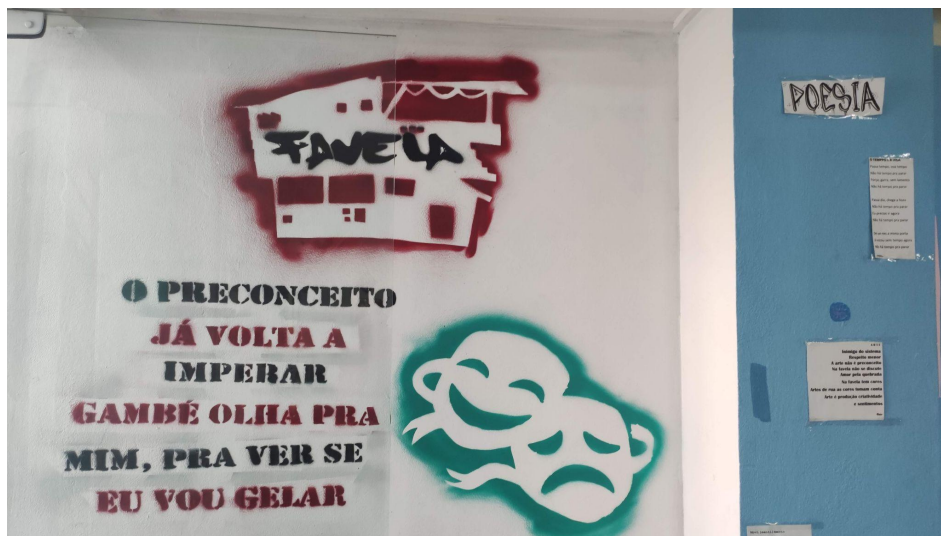
(Figura 11)



(Figura 12)



(Figura 13)



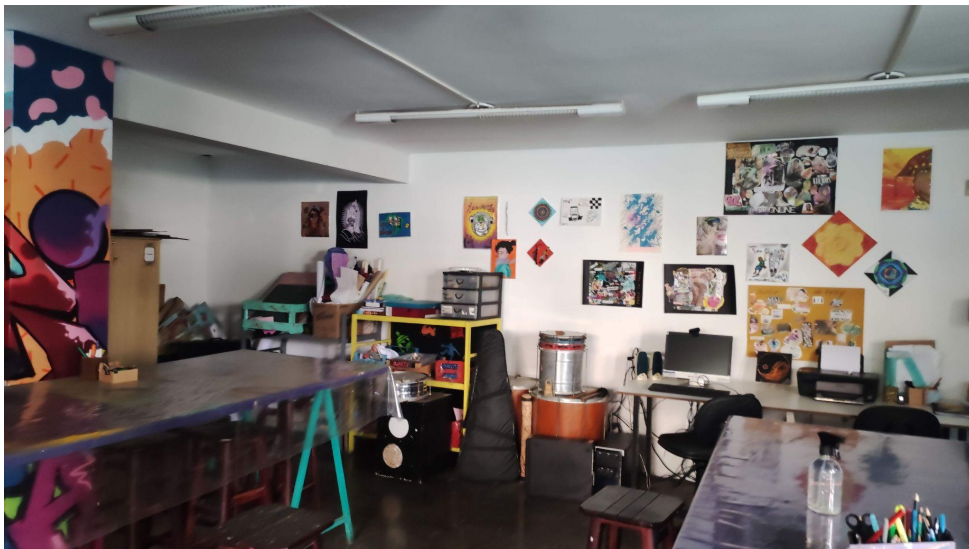
(Figura 14)



(Figura 15)



(Figura 16)



(Figura 17)

FIGURAS 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16 e 17: Fotos do espaço do COMEC.

6) Arte como ferramenta para o desenvolvimento de vínculo

A formação do vínculo entre o profissional e o adolescente é elemento fundamental para a atuação na terapia ocupacional, sobretudo considerando as especificidades dessa fase do desenvolvimento humano, marcada por intensos processos de transformação subjetiva. A filosofia de Espinosa, especialmente no que concerne à teoria dos afetos, oferece subsídios teóricos relevantes para a compreensão do vínculo como espaço de ampliação da potência de agir do sujeito (FERNANDES, 2017).

Quando perguntados sobre a relação entre o projeto e o desenvolvimento de vínculo entre os adolescentes, a equipe trouxe comentários positivos, relacionando a relação como uma dinâmica familiar, uma troca de afetos tanto entre a equipe e os jovens, quanto entre os próprios jovens.

O vínculo possibilita você também trazer uma singularidade de cada caso, você realmente compreender o que tá acontecendo com aquele caso, com aquele adolescente naquele momento e quais ações que você pode contribuir e nossa relação de confiança é importante porque a gente o tempo todo está dizendo sobre estarmos aqui, mas precisamos confiar que o jovem também acredita nesse projeto, que ele também está inteiro, que quer estar aqui. (E2)

Ah, eu acho ótimo, muitos falam aqui que é uma família, a gente nem fica alimentando, mas eles trazem isso e é sentimento porque a troca que a gente tem é uma troca tão bonita, os grupos demonstram muito amor um pelos outros, pela equipe, uma relação de gratidão, de confiança e é recíproco. (E1)

Além disso, um dos mobilizadores entrevistados também traz esse sentimento ao descrever o dia a dia do grupo:

É como uma conversa de família na sala de estar da casa, tá ligado? Ao mesmo tempo que tem toda a seriedade de ser um projeto, tem muita distração também, tem muita ideia trocada, é um lugar que você pode ser você, que te acolhe de maneira bem branda então é quase um trampo mas não é, você não precisa não ser você ali, acho que é justamente sobre nós. (M6)

A adolescência é atravessada por afetos instáveis, oscilações identitárias e desafios de autonomização. Um vínculo pautado na confiança, no reconhecimento e na coprodução de sentidos tende a favorecer a expansão das capacidades do adolescente. No campo da terapia ocupacional, o vínculo não apenas facilita intervenções, mas configura o próprio ambiente necessário para que a atuação seja possível e emancipadora. Um dos entrevistados participantes do projeto diz:

A gratidão que eu tenho por esse projeto aqui porque foi uma parada que potencializou muito meu lado cultural, quem sabe intelectual também, que era uma parada que tava meio perdida, meio sem esperança, mas acho que estando aqui tendo várias portas abertas, conheci muita gente, tive a oportunidade de fazer uns trampo, eu vejo isso aqui como uma oportunidade. (M6)

Além disso, o mobilizador M1 entrevistado fala sobre a importância desse vínculo ao permitir a discussão de assuntos que às vezes são marginalizados e, assim, falar sobre outras realidades vividas no projeto.

No dia do podcast do LGBT, foi muito bom também para os meninos que fazem parte do projeto, são pessoas hétero, então foi bom para eles aprenderem

um pouco sobre o mundo LGBTQIA+, a convidada é uma pessoa não binária, foi legal para eles entenderem sobre o mundo trans, muito importante (M1).

Malfitano (2005) entende o vínculo como um aspecto fundamental no centro das práticas da Terapia Ocupacional Social, sendo que as atividades podem atuar como mediadoras na busca pela construção coletiva de novos projetos de vida. Assim, o terapeuta ocupacional, ao estabelecer vínculos afetivamente potentes, contribui para que o adolescente explore, descubra e invente modos de ser que ampliem sua liberdade e sua potência de agir. A entrevistada exemplifica essa possibilidade que a arte traz de transformação, ao comentar sobre a realidade brasileira, cujo sistema é moldado para excluir:

É sempre resistência em qualquer lugar que a gente ocupe (...) eu já ocupei em lugares que tinham só pessoas brancas, aquele pessoal com discurso patriota, da meritocracia e eu penso “aí, nossa que saco” mas você sente que é necessário você estar ali, porque você tem que ocupar mesmo aqueles espaços, porque é isso que eles querem, que a gente ache isso chato e abandonar e assim eles tomarem conta de tudo como sempre tomaram. (M4)

De acordo com Pichon-Rivière (1988), o vínculo é formado por meio de uma interação complexa entre o indivíduo e a representação de um objeto externo, ocorrendo de maneira dialética e única em cada contexto. Esse vínculo possibilita a identificação e o atendimento das verdadeiras demandas e necessidades da população (MORAIS, MALFITANO, 2016).

Portanto, baseado nas referências citadas acima, compreende-se que o vínculo é mais que uma etapa do processo terapêutico-ocupacional: é uma dimensão fundamental da prática, onde se articulam afetos e transformações subjetivas. O vínculo em terapia ocupacional com adolescentes deve ser cultivado como um espaço ético de criação de possibilidades de vida, e não apenas como técnica instrumental.

A partir disso, a arte, enquanto uma forma de expressão simbólica e sensível da experiência humana, ocupa um lugar central na prática da terapia ocupacional, especialmente na construção de vínculos. As formas artísticas como a música, a pintura, a dança, a escrita, atuam como mediadores potentes na relação entre terapeuta e paciente, favorecendo a comunicação de afetos, desejos e narrativas muitas vezes inacessíveis por meio da linguagem verbal.

Complementa-se com o excerto da entrevista de M5:

Eu aprendi a me comunicar melhor, aprendi também fazer por amor as coisas não só pelo dinheiro ou por algo do tipo. Aprendi que é possível você sair da

onde você estava e para outro lugar que tem pessoas que acreditam em você, que vão te ajudar (M5).

Para Reis (2014), as atividades expressivas oferecem um meio não verbal para a comunicação de conflitos internos, facilitando o desenvolvimento da consciência e da capacidade de simbolização. Dessa forma, o uso da arte na terapia ocupacional se configura como um instrumento de escuta, acolhimento e criação de sentido, fundamentais para o fortalecimento do vínculo.

Particularmente no trabalho com adolescentes, as formas de arte revelam-se bastante relevantes. Essa faixa etária é marcada pela busca de identidade, pela necessidade de expressão de sentimentos complexos e pela experimentação de diferentes modos de ser no mundo (SILVA; LOPES, 2009). A arte, ao possibilitar a expressão indireta de conteúdos emocionais e ao respeitar os tempos e os ritmos singulares de cada sujeito, contribui para que o vínculo seja construído de maneira mais espontânea e respeitosa. Assim, o fazer artístico é entendido como um território de afetação mútua, no qual o técnico e o adolescente constroem, conjuntamente, sentidos para suas experiências.

A profissional entrevistada destaca essa afetação ao descrever suas posições como mobilizadora (até 2024) e profissional da equipe (a partir de 2024):

A gente chega em um lugar onde os requisitos são a gente olhar para o outro como a gente olha pra gente mesmo, acreditar e dar novas ferramentas, que nem eu, cheguei no projeto e eu tinha histórico de trabalhos exploratórios e a minha mãe sempre me cobrando por eu não estar trabalhando e quando eu cheguei aqui no COMEC eu vi que talvez eu não soubesse fazer aquilo naquele trabalho, mas eu sabia fazer várias coisas, eu era muito criativa, isso foi bom, a gente explorar novos talentos, novas técnicas. (E4)

Além disso, a arte, o ato de criar, promove rupturas nas rotinas instituídas e abre novas possibilidades de ação e de existência, elementos fundamentais para o fortalecimento do vínculo e para o processo como um todo. Ademais, essa confiança mútua permite que o grupo consiga ter trocas extremamente vantajosas e lidar com situações difíceis a partir de discussões em coletivo, como exemplifica a entrevistada E2:

É uma construção, vínculo a gente constrói cotidianamente, porque a gente também tem desafetos no meio desse caminho, tem situações que realmente nos colocam com reatividade, já tivemos caso difíceis, mobilizadores que estavam com tantos atravessamentos que se desorganizam, inclusive não estavam conseguindo cumprir combinado nenhum e estavam, inclusive, prejudicando o processo grupal e a gente teve que olhar para isso, avaliar a sua permanência e tivemos que fazer essa avaliação mesmo e distanciar, romper um ciclo com um mobilizador que não tava sendo produtivo no grupo e o grupo estava muito incomodado com essas situações, mas foi um processo também educativo, quando você pontua e reflete junto, quando você traz os impactos quando você realmente fala de um lugar de todo o investimento que foi feito e

que neste momento esgotamos as ações, então fazer disso um processo educativo, é porque você tem um vínculo (E2).

A entrevistada E3, que trabalha com o projeto Sintonizando, aborda a necessidade dos profissionais se interessarem em comunicar, trabalhar as diversas formas de comunicação para que então possibilitem uma gama de oportunidades para os adolescentes se expressarem.

Pensar também a comunicação de uma forma ampla, que um zine é uma comunicação, várias linguagens, que curta trabalhar essas várias linguagens, então acho que um pouco disso de trabalhar as ferramentas da comunicação que são várias, tem gente que vai ser mais na parte escrita e tudo bem, mas que consiga circular por essas diferentes linguagens (E3).

Portanto, as formas de arte, ao permitirem a expressão livre, a experimentação e a invenção de si, se constituem como ferramentas fundamentais para a construção de vínculos potentes na terapia ocupacional. Elas criam espaços de confiança, reconhecimento e compartilhamento, nos quais os adolescentes podem, em colaboração com o profissional, transformar afetos, reelaborar narrativas e ampliar suas possibilidades de agir no mundo.

Você vê jovens que traficavam e tendo seu emprego e se olhando de outra forma na vida, não só porque a gente conseguiu um emprego para ele, fez o currículo, mas porque houve tantas conversas, trocas de carinho, afeto que fez o jovem ao longo do tempo conquistar uma autoestima, ter coragem, ter oportunidade. Essa coletividade, essas trocas, esses vínculos são cruciais para o projeto, para o sucesso tanto individual, quanto coletivo. (E1)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou compreender o funcionamento do projeto Sintonizando na Transformação, um projeto cultural com o público de jovens no período após o cumprimento de medida socioeducativa. Ademais, procurou entender os impactos gerados pelo projeto na vida dos jovens participantes, a partir das experimentações de expressões artísticas, tais como música, artes plásticas, poesia, pixo, entre outros. Os resultados demonstram os impactos positivos que o projeto possibilitou aos adolescentes, as quais são perceptíveis em seu depoimento sobre os reflexos na sua autonomia, projeto de vida, reinserção escolar e participação na sociedade.

A construção desta pesquisa aponta as potências e limitações atuais na atuação em terapia ocupacional no contexto com adolescentes após cumprirem medidas socioeducativas. Por essa razão, a delimitação do tema ainda se apresenta de forma generalista, apontando a necessidade de mais estudos, especialmente produções que aprofundem sobre o vínculo, sobre populações marginalizadas dentro do sistema socioeducativo, como a população LGBTQIA+ e a população feminina.

Reiterando os dizeres da terapeuta ocupacional entrevistada, é necessário pensar na profissão se envolvendo nos campos sociais da adolescência e do ato infracional, adentrando discussões sobre o mundo do trabalho, o trabalho vexatório, exploratório pela renda, e, a partir desta consciência e leitura de mundo, realizando uma escuta ativa para aplicar a sensibilidade da profissão para ações no território e no cotidiano efetivo das populações com quem trabalha.

Por fim, é necessário construir uma terapia ocupacional que vá além da prática da saúde, que veja a expressão artística além de uma ferramenta terapêutica, compreendendo sua complexidade e potencialidade na discussão sobre garantia de direitos, participação social e autonomia dos sujeitos, conforme princípios que vêm sendo construídos e debatidos na terapia ocupacional social.

7. REFERÊNCIAS

ABU-JAMAL, M. *Live from Death Row*, Nova York: Addison-Wesley Publishing Company, 1995. p. 65–67.

ABU-JAMAL, M. *A morte em vida: o encarceramento em massa nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Revan, 2011.

ARTUR, Margareth. “Slam” é voz de identidade e resistência dos poetas contemporâneos. *Jornal da USP*, São Paulo, 23 nov. 2017. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/slam-e-voz-de-identidade-e-resistencia-dos-poetas-contemporaneos/>.

BARROS, D. D.; GALVANI, D.; ALMEIDA, M. C. de; SOARES, C. R. S. *Cultura, economia, política e saber como espaços de significação na Terapia Ocupacional*

Social: Reflexões sobre a experiência do Ponto de Encontro e Cultura. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, v. 21, n. 3, 2013. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/918>.

BARROS, D. D.; GHIRARDI, M.I.G.; LOPES, R.E. Terapia Ocupacional Social. Rev. Ter. Ocup.Univ. São Paulo, v. 13, n. 3, p. 95-103, set./dez. 2002. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rto/article/view/13903/15721>.

BARREIRO, R. G.; BORBA, P. L. O.; MALFITANO, A. P. S. Revisitando o materialismo histórico em terapia ocupacional: o papel técnico, ético e político na contemporaneidade. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, v. 28, n. 4, p. 1311-321, 2020.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 13 jul. 1990.

BRASIL, Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), 08 mai. 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/acoes-e-programas/atendimento-socioeducativo>.

BRASIL, Orientações gerais sobre a Medida Socioeducativa de Liberdade Assistida (LA) no âmbito do SUAS. Disponível em: www.gov.br/mds/pt-br/acesso-a-informacao/licitacoes-e-contratos/consultaspublicas/consultas-abertas/GuiaLAconsultapblica.pdf. Acesso em: 09 abr. 2024.

BRASIL, Secretaria Nacional de Políticas Penais. SENAPPEN lança Levantamento de Informações Penitenciárias referentes ao segundo semestre de 2023, mar. 2024. Disponível em:

<https://www.gov.br/senappen/pt-br/assuntos/noticias/senappen-lanca-levantamento-de-informacoes-penitenciarias-referentes-ao-segundo-semester-de-2023>.

BUORO, A. B. O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2000.

BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. Educ. Rev, Belo Horizonte , n. 10, p. 05-15, dez. 1989 . Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46981989000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 09 abr. 2024.

CEARA, A. T.; DALGALARRONDO, P. Jovens pichadores: perfil psicossocial, identidade e motivação. Psicol. USP, São Paulo , v. 19, n. 3, p. 277-293, set. 2008. Disponível em

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772008000300002.

COMEC. Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas. Disponível em: <http://www.comec.org.br/>. Acesso em: 6 fev. 2024.

COMEC: uma trajetória de trabalho com adolescentes/COMEC - Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas. Santa Bárbara d'Oeste: Gráfica Mundo, 2018. Disponível em: http://www.comec.org.br/anexos/Livro_Comec_Web.pdf

DAVIS, Angela Yvonne. *Estarão as prisões obsoletas?* Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. Rev. Bras. Educ. (24) Dez 2003.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000300004>

FEITOSA, J. B.; BOARINI, M. L. The Defense of Socio-Educational Internment: Feature of the Hygienist Principles. Paidéia, Ribeirão Preto, v. 24, n. 57, p. 125–133, abr. 2014.

FERNANDES, M.; GOMES, C. Afeto na filosofia de Espinosa: Aportes para potencialização dos corpos na escola Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE), n. 27, p. 119–135, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4883>.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Imprensa: Petrópolis, Vozes, 1975.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUNDAÇÃO CASA. Funções e competências. São Paulo: Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente – Fundação CASA, [s.d.]. Disponível em: <https://fundacaocasa.sp.gov.br/funcoes-e-competencias/>.

FUNDAÇÃO FEAC. Sintonizando na Transformação. Campinas: Fundação FEAC, 2024. Disponível em: <https://feac.org.br/projetos-em-destaque/sintonizando-na-transformacao/>. Acesso em: 2 jun. 2025.

FURTADO, R. N.; CAMILO, J. A. O. O Conceito de Biopoder no Pensamento de Michel Foucault. Revista Subjetividades, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 34–44, 2017. DOI: 10.5020/23590777.16.3.34-44. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/4800>.

GALHEIGO, S. M.. Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, v. 28, n. 1, p. 5–25, jan. 2020. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO2590>

GALVANI, D; BARROS, D. D.; PASTORE, M. D. P.; SATO, M.T. Exercícios etnográficos como atividades em espaço público: Terapia Ocupacional Social no fazer da arte, da cultura e da política. Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos, v. 24, n. 4, p. 859-868, 2016. <http://dx.doi.org/10.4322/0104-4931.ctoARF1004>.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOMIDE, D. C. O materialismo histórico-dialético como enfoque metodológico para a pesquisa sobre políticas educacionais. Anais X Seminário. UNICAMP, Campinas p. 124-138, 2014.

GRILLO, C. F. C. RAYMUNDO, C. M. MARTINS, L. B. Adolescências e juventudes na contemporaneidade: diferentes perspectivas, diversidades, aspectos étnicos e culturais. Campo Grande, MS : Fiocruz Pantanal, 2023

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Sistema de Informações e Indicadores Culturais. Brasília, DF: IBGE, 2011-2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/cultura-recreacao-e-esporte/9388-indicadores-culturais.html>.

INSTAGRAM. Publicação de @fundacaofeac [vídeo]. 8 de outubro de 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DA4ReZvx5C0/>.

INSTITUTO ALANA. *Panorama nacional da educação no contexto socioeducativo*. Coordenação: Maurício Perondi, Bruna Rossi Koerich. São Paulo: Instituto Alana, 2023. Disponível em: https://alana.org.br/wp-content/uploads/2023/04/Panorama_Educacao_Socioeducativo.pdf.

MALFITANO, A. P. S. Campos e núcleos de intervenção na terapia ocupacional social. Revista de Terapia Ocupacional da USP, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 1-8, 2005.

LIMA, E. M. F. DE A.; YASUI, S.. Territórios e sentidos: espaço, cultura, subjetividade e cuidado na atenção psicossocial. Saúde em Debate, v. 38, n. 102, p. 593–606, jul. 2014.

MORAIS, A. C.; MALFITANO, A. P. S. O terapeuta ocupacional como executor de medidas socioeducativas em meio aberto: discursos na construção de uma prática. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, São Carlos, v. 24, n. 3, p. 531–542, jul./set. 2016. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/13>

LOPES, R. E. Cidadania, direitos e terapia ocupacional social. In: LOPES, R.E.; MALFITANO, A.P.S. (Org.). Terapia Ocupacional Social: desenhos teóricos e contornos práticos. São Carlos: EDUFSCar, 2016, p. 29-48.

OLIVEIRA, R. H. D. Terapeutas ocupacionais e o Sistema de Atendimento Socioeducativo (SINASE): a prática profissional nas medidas privativas de liberdade. 2022. Tese (Doutorado em Terapia Ocupacional) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/17386>.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. 2002. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>.

OZELLA, S.; AGUIAR, W. M. J. de. Desmistificando a concepção de adolescência. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 38, n. 133, p. 97–125, abr. 2008

REIS, A. C. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 34, n. 1, p. 142–157, jan. 2014.

REIS, M.; BAGOLIN, L. A. Arte Como Experiência. Cadernos de Pesquisa, v. 41, n. 142, p. 314–319, jan. 2011.

ROSA, T.B. O poder em Bourdieu e Foucault: considerações sobre o poder simbólico e o poder disciplinar. Rev. Sem Aspas, Araraquara, v.6, n.1, p. 3-12, jan./jun. 2017.

SANTOS M, 1988. Metamorfoses do Espaço Habitado. São Paulo: Hucitec.

BRASIL. In: Ministério da Saúde. O território na saúde: construindo referências para análises em saúde e ambiente. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. (Série B. Textos Básicos de Saúde).

SING SING; Direção e produção: Greg Kwedar. Estados Unidos: A24, 2024. (105 min.). Estreado no Brasil dia 13 de fevereiro de 2025.

SILVA, C. R.; LOPES, R. E. Adolescência e juventude: entre conceitos e políticas públicas. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, São Carlos, v. 17, n. 2, p. 87–106, dez. 2009. Disponível em: <https://cadernosdeto.ufscar.br/index.php/cadernos/article/download/100/65/151>.

SOUZA, L. A. F.; PELUCIO, L.; TEIXEIRA, A. Dispositivos de controle social da juventude: uma análise das medidas socioeducativas das políticas públicas para jovens em conflitos com a lei. Exame de qualificação (Mestrado em Ciências Sociais), Marília, UNESP, 2015, 22 p.

TAKATORI, M. A. Terapia ocupacional no processo de reabilitação: construção do cotidiano. O mundo da Saúde, São Paulo, v.25, n.4, p.371-377, 2001.

TAKEITI, B. A.; SANTAMARIA, L. M. Territorializando as experiências juvenis: interfaces entre o projeto Juventude(s) e o Sintonizando na Transformação. Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional, v. 7, n. 3, p. 1844–1853, ago. 2023. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/57651/pdf>.

UNICEF. Crescer Juntos: situação da infância e adolescência no Brasil. Brasília: UNICEF, 2021.

VEDOVELLO, J. S.; LUZ, A. F. S.; SANTAMARIA, L. M.; HARUMI, T.; ROSA, Y. Relatório Anual do Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas. 2022. Disponível em: http://www.comec.org.br/anexos/Relatorios_Anuais/Relatorio_Anuual_2022.pdf.

WACQUANT, L. As duas faces do gueto. São Paulo: Boitempo, 2008, 160 p.

WAINER, J. Pichação é arte. Super Interessante, São Paulo, n. 213, abril/maio de 2005.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.
In: SILVA, T. T. Identidade e diferença A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis:
Vozes Ltda, 2009. p. 7-72.

8. ANEXOS

8.1. ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ADOLESCENTES

Identificação

Nome:

Idade:

Quanto tempo participa do projeto:

1. Que tipo de atividades vocês fazem no projeto?
2. Conte para mim um dia de atividades do grupo.
3. Por que você participa deste projeto?
4. Conte para mim algum produto que vocês fizeram e você participou
5. Qual o produto que você mais gostou de fazer? Por quê?
6. Me conta uma coisa que você acha que aprendeu com o projeto
7. Me conta um pouco sobre os podcasts que vocês fazem. Você já sabia fazer podcast antes? Como são escolhidos os temas?
8. Me conta uma dificuldade que você percebe no projeto.
9. Mais alguma coisa que queira me contar sobre o projeto?

8.2. ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFISSIONAIS

Identificação

Nome completo:

Idade:

Quanto tempo atua no COMEC:

Quanto tempo atua no projeto:

Profissão:

1. Por favor, nos conte um pouco sobre o projeto. Como iniciou? Desde quando o grupo funciona? Quantas pessoas participam?

2. Como você avalia a condução do projeto?
3. Como são escolhidos os participantes do projeto?
4. Quais os conhecimentos necessários para a atuação nesse contexto?
5. Quais as maiores dificuldades na realização das atividades propostas pelos adolescentes?
6. Tem alguma ação que foi marcante para você?
7. Tem alguma atividade que não deu certo?
8. Qual a sua percepção sobre a relação entre o projeto e o desenvolvimento de vínculos com os adolescentes?
9. Como o projeto responde aos objetivos do trabalho do COMEC?
10. Mais algum comentário que você gostaria de fazer sobre o projeto e que eu não tenha perguntado?

Obrigada!